



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Luciana de Oliveira Manguiera


**A luta da terra nas literaturas portuguesa e brasileira:  
A linha marcada no chão que une José Saramago e Euclides da Cunha**

Rio de Janeiro

2014

Luciana de Oliveira Mangueira

**A luta da terra nas literaturas portuguesa e brasileira:  
A linha marcada no chão que une José Saramago e Euclides da Cunha**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra Maria Helena Sansão Fontes.

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

M277 Manguiera, Luciana de Oliveira.  
A luta da terra nas literaturas portuguesa e brasileira: a linha  
marcada no chão que une José Saramago e Euclides da Cunha /  
Luciana de Oliveira Manguiera. – 2014.  
91 f.

Orientadora: Maria Helena Sansão Fontes.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Literatura política – Teses. 2. Conflito social na  
literatura – Teses. 3. Saramago, José, 1922-2010. Levantando  
do chão – Teses. 4. Cunha, Euclides da, 1866-1909. Os sertões  
- Teses. 5. Literatura brasileira - Aspectos políticos - Teses. 6.  
Literatura portuguesa - Aspectos políticos - Teses. I. Fontes,  
Maria Helena Sansão, 1945-. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0:869.0(81)-311.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação desde que citada a fonte

---

Assinatura

---

Data

Luciana de Oliveira Mangueira

**A luta da terra nas literaturas portuguesa e brasileira:  
A linha marcada no chão que une José Saramago e Euclides da Cunha**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovada em 28 de março de 2014.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Helena Sansão Fontes (Orientadora)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Maria de Sousa Amorim  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gumercinda Nascimento Gonda  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2014

## DEDICATÓRIA

À paixão, que até aqui tanto me tem ajudado.

## AGRADECIMENTOS

Ai, minha mãe...! Que dom esse? Agradeço pela capacidade de ler pensamentos, adivinhar momentos críticos e perceber quando e por onde começar a conversar. Ser mãe tem seus mistérios. Eu, sem a minha, não sei como escreveria.

À Bahia, muito obrigada. Uma semana respirando aqueles ares deram-me uma força de sertaneja e uma leveza de dançarina. Assim, envolvida, me pus a escrever.

Os amigos são tantos e de tanta importância, que listá-los não caberia. Nomeio um, com o fim de representar todos os outros muito amados, por ter estado comigo em uma espécie de cumplicidade conquistada à base de amor à primeira vista, desde a entrevista da seleção do mestrado, vindo comigo até agora em que falta pouco para o ponto final: Alberto dos Santos, valeu, meu irmão!

Agradeço sempre à professora Anabelle Loivos, a Ana, que na graduação me fez mergulhar no universo de Euclides da Cunha, lugar onde até hoje tenho estado.

Toda ternura, carinho e gratidão à professora Cinda Gonda, que descobriu que meu gosto pela *terra* podia também ser pela Literatura Portuguesa. Quando me presenteou com *Levantado do chão*, me fez descobrir tudo o que me movia.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por ter me recebido tão bem, de abraço apertado e sorriso sincero em um momento meu tão frágil de mudança de “casa”. As aulas, os professores, os amigos conquistados: UERJ, você foi boa demais.

Especial agradecimento a Maria Helena, orientadora, mas não só. O cuidado e atenção por ela ofertados durante todo o momento da escrita foram um fôlego, um conforto, uma motivação, uma paz. Ficou tudo bem mais fácil e simples, pois ela espantava todos os fantasmas com a sua elegância e carinho.

Por onde passei,  
plantei  
a cerca farpada,  
plantei a  
queimada.  
Por onde passei,  
matei  
a tribo calada,  
a roça suada,  
a terra esperada...  
Por onde passei,  
tendo tudo em lei,  
eu plantei o nada.

*Pedro Casaldáliga*

Contra mim falo: o melhor que às vezes os livros têm são as epígrafes que lhes servem de credencial e carta de rumos. *Objecto Quase* por exemplo, ficaria perfeito se só contivesse a página que leva a citação de Marx e Engels. Lamentavelmente a crítica salta por cima dessas excelências e vai aplicar as suas lupas e os seus escalpelos [bisturis] ao menos merecedor que vem depois.

*José Saramago*



## RESUMO

MANGUEIRA, Luciana de Oliveira. *A luta da terra nas literaturas portuguesa e brasileira: a linha marcada no chão que une José Saramago e Euclides da Cunha*. 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Dois romances escritos em países e em contextos históricos distintos aparecem como um retrato da situação do campo através do tempo em Brasil e Portugal. O processo de união dos homens em torno de um motivo comum, a oportunidade de sobrevivência na terra através da garantia do trabalho, se transforma na luta desses contra a alienação e, posteriormente, contra a força armada que protege o Estado e o grande proprietário. As questões que envolvem a terra transcendem o caráter comumente telúrico uma vez que essa é também personagem efetivamente ativo na vida dos homens do campo. Também personagem múltiplo é esse homem, representado pelas figuras do sertanejo baiano e o camponês alentejano: guardam em si a ambiguidade da fragilidade do corpo que, justamente, se torna em sua maior força. O movimento para a luta transforma homens e terra, muda a História. Esse processo é visto e traduzido por Euclides da Cunha em *Os sertões* e por José Saramago em *Levantado do chão*. A campanha de Canudos e as lutas pelo direito ao trabalho no campo português são próximas, desse modo, por representarem ambos, sob a perspectiva dos narradores desses dois romancistas, uma análise das injustiças cometidas pelo poder do Estado contra os que nada possuem e o levantar desses por seus direitos, pela transformação do estado de coisas.

Palavras-chave: Concentração Fundiária. Luta no Campo. Literatura Política.

## ABSTRACT

MANGUEIRA, Luciana de Oliveira. *The struggle for land in the Portuguese and in the Brazilian literatures: the ground line that connects José Saramago and Euclides da Cunha*. 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Two novels written in different countries and in different historical contexts depict the situation in the countryside throughout time in Brazil and Portugal. The process of the gathering of men around a common trait — the opportunity of survival on land through the job guarantee — also becomes the struggle against alienation and, afterwards, against the armed force that protect both the State and the landowner. The issues that spin around the land transcend the commonly telluric characteristic once this is also a character effectively active in the life of countrymen. Moreover, such man is also a multiple character, which is represented by the backland man from Bahia and the countryman from Alentejo: they keep in themselves the frailty of the body that, fairly enough, turns into their greatest strength. The movement towards the struggle changes men and land, it changes History. This is the process observed and depicted by Euclides da Cunha in “*Os sertões*” (*Rebellion in the Backlands*) and by José Saramago in “*Levantado do Chão*” (*Raised from the Ground*). The *Canudos*’ campaign and the struggles towards the right to work in Portuguese country lands are side by side for both represent, under the perspective of these novels (and novelists’) narrators, an analysis on the injustices promoted by the power of the State against those who do not own anything, and their standing for their rights, for the change of the state-of-things.

Keywords: Land Concentration. Struggle in the Countryside. Political Literature.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO – VIDA, MORTE, VIDA: A ETERNA BUSCA PELA VOZ DO CAMPO .....</b>	<b>10</b>
1	<b>TERRA.....</b>	<b>14</b>
1.1	<b>A terra e seu duplo - Paisagem e personagem na obra de ficção.....</b>	<b>14</b>
1.2	<b>Geopoética – O lirismo na construção das narrativas da terra.....</b>	<b>21</b>
1.3	<b>Os fazedores de deserto.....</b>	<b>27</b>
1.4	<b>Cão que ladra no latifúndio – as cercas no Alentejo, Canudos e no sul do Pará.....</b>	<b>31</b>
2	<b>HOMEM.....</b>	<b>37</b>
2.1	<b>Antes de tudo, um forte.....</b>	<b>37</b>
2.2	<b>Esse homem vai morrer.....</b>	<b>46</b>
2.3	<b>Parecem formigas, mas são homens.....</b>	<b>51</b>
3	<b>LUTA.....</b>	<b>60</b>
3.1	<b>O papel do escritor e a literatura marxista.....</b>	<b>61</b>
3.2	<b>O que move os homens – De <i>Belo Monte</i> a <i>Monte Lavre</i>.....</b>	<b>66</b>
3.2.1	<b><u>A Campanha de Canudos</u>.....</b>	<b>67</b>
3.2.2	<b><u>Levantando do chão</u>.....</b>	<b>70</b>
	<b>CONCLUSÕES - PIOR DO QUE A DOR DO CALO É CALAR A PRÓPRIA DOR .....</b>	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>
	<b>ANEXO – Prefácio de José Saramago ao livro <i>Terra</i> .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO VIDA, MORTE, VIDA: A ETERNA BUSCA PELA VOZ DO CAMPO.

Severinos há muitos, sabe-se, se não por experiência adquirida, pelos versos de João Cabral de Melo Neto que, em poema, conta a história de vida e morte de uma personagem que, em verdade, representa qualquer um dos que como ele compartilha a mesma vida árida, sofrida, morte anunciada e silenciosa. Severinos há muitos, e a maioria deles nem atende pelo mesmo nome, uns são José, Ana, Gracinda, Manoel, Virgulino, João, Conselheiro, Zé do Gato, Mau-Tempo.

Assim como há muitos homens que compartilham a mesma história, muitas são as terras que vivem o mesmo penar de chão esquecido pelas leis, improdutivas e concentradas nas mãos de tão poucos que enriqueceram através da exploração, das terras e de homens.

A história desses homens e dessas terras se repete em tempos e lugares diferentes. O campo brasileiro e o português apresentam uma mesma condição – a imposição de uma vida de miséria à maior parte da população rural realizada pela força opressora do latifúndio.

Contra a dominação, no entanto, levantam-se alguns *Severinos* que, sem contar com a representação e o apoio dos meios oficiais, ganham espaço e voz através da literatura produzida por autores comprometidos com a reconfiguração histórica, uma vez que transgridem o *status quo* ao contarem a versão sob a ótica do oprimido.

Por essa questão, aproximam-se Euclides da Cunha e José Saramago. Embora tão longa seja a distância temporal entre a publicação da primeira edição de *Os sertões* e *Levantado do chão*, percebe-se que o tratamento sobre as questões da terra permanecem presentes nos dois romances. São eles também denunciadores de uma realidade por muito ocultada da história, respectivamente de Brasil e Portugal, cenários das batalhas, das lágrimas e das forças humanas retratadas nessas duas obras.

Algumas culturas possuem a tradição de representar as mais variadas relações humanas e da natureza através do ciclo vida – morte – vida, o qual apresenta a característica de espiral de um eterno retorno. Por isso, para elas, a presença da morte é tão importante, uma vez que, para algo novo nascer, é necessário que um dado elemento, força, ideia se finde.

Essa ideia de ciclo e o pensamento marxista guiam o presente estudo. Os próprios conceitos de Marx podem ser considerados também sob a perspectiva da vida – morte- vida, visto que a luta de classes, da qual o pensador trata, confunde-se muitas vezes com o próprio conceito de História, marcado pelo conflito entre dominantes e dominados em que os vencedores de uma dada Revolução, oprimidos de até então, tornam-se a nova classe dominante, exercendo poder sobre outros.

O retrato da luta no campo é o objetivo final tanto de *Levantado do chão* quanto de *Os sertões*. Essa luta, feita com armas e ideais, é o resultado de um processo de tomada de consciência do homem em busca dos seus direitos. A luta é finalmente a voz do campo sendo emitida, pois, somente através dela, sertanejos e alentejanos conseguem ser notados, incomodam os governos e fazem-se reconhecer como sujeitos históricos.

José Saramago traz em sua obra a história do Alentejo através da perspectiva de uma família de camponeses. Os *Mau-Tempo* apresentam, durante o correr das gerações, uma gradação crescente em seus níveis de consciência a respeito de suas próprias mazelas e da necessidade de combater o sistema político e de produção do latifúndio.

Euclides da Cunha, deparando-se com a realidade do sertão brasileiro, escreveu uma obra denunciadora da falha do projeto republicano que enviou tropas do exército brasileiro para combater os habitantes de Canudos. Assim como Saramago, transferirá também para o homem do campo a possibilidade da fala, uma vez que, através do massacre ocorrido em Canudos, a perspectiva do sertanejo brasileiro foi projetada.

Percebe-se uma forte ligação entre três elementos fundamentais para a garantia de voz dos oprimidos no campo: a terra, o homem e a luta. Euclides da Cunha é quem faz notar isso pela primeira vez ao dividir o seu livro em três capítulos, que recebem como título cada um desses elementos. Volta-se ao ciclo: a terra, meio vital para a sobrevivência dos homens, é também a principal denunciadora da desigualdade social existente no campo; ela divide a sociedade rural entre os muito ricos e os muito pobres, ou seja, os que possuem uma grande propriedade e os que só possuem a força de trabalho; o direito sobre a terra é que motiva os camponeses e sertanejos para a luta, que, por sua vez, faz com que *homens se humanizem*, ganhem voz.

A exemplo de *Os sertões*, este trabalho também é dividido em três capítulos. Cada um deles busca, sempre através da relação entre José Saramago e Euclides da Cunha, analisar a

questão fundiária, as relações humanas e líricas das obras através do foco de cada um desses elementos os quais são atribuídos pertencerem ao ciclo de Euclides.

Tem-se como primeiro capítulo, portanto, a *Terra*. Nele, é mostrado como esse elemento é ambíguo e complexo nos dois romances. Ao mesmo tempo, pode ser considerada paisagem e personagem do enredo rural. Além disso, é evidenciado como a terra possui uma poética própria, trazendo lirismo aos escritos. Os domínios da propriedade também são tratados neste capítulo ao ser abordadas as origens do latifúndio e as relações políticas e sociais que envolvem a situação conflituosa do campo português e brasileiro.

A segunda seção, *Homem*, visa traçar um perfil detalhado do habitante daquela terra analisada no capítulo anterior. Apesar das particularidades, tanto o sertanejo de Euclides, quanto o alentejano de Saramago são pertencentes a uma classe social que vive sob a miséria e não possui a proteção das leis e do Estado. Apesar da recorrente aproximação, o perfil do homem descrito por Euclides será estudado em uma seção intitulada *Antes de tudo um forte*. Nela, os aspectos mais relevantes do sertanejo, vistos sob a ótica do narrador euclidiano, são mostrados e, em seguida, atenta-se para a análise de uma personagem especial: Antônio Conselheiro.

Com a intenção de unir o sujeito narrado em *Os sertões* ao de *Levantado do chão*, separados por um século e um oceano, a seção seguinte do capítulo *Homem* traça um perfil do campo brasileiro desde a época da Guerra de Canudos até a contemporaneidade da obra de Saramago. Em *Esse homem vai morrer*, é observado que a situação do latifúndio do Brasil hoje permanece quase inalterada se comparada à dos tempos escritos por Euclides. Nesta seção, ao mostrar a situação de conflitos de terra que ocorrem até hoje no sul do Pará, em que listas de pessoas marcadas para morrer são feitas como em uma terra sem lei, mostra-se também que a situação de barbárie do campo brasileiro permanece a mesma. Seguindo para um próximo subcapítulo, destinado ao estudo do homem do campo saramaguiano, uma análise do alentejano da ficção de Saramago é feita, em especial são apresentados as personagens da família Mau-Tempo e a maneira como esses evoluem para um caminho de rompimento com a alienação que os mantinha paralisados.

O último capítulo traz duas vertentes para o debate da questão *quando a luta torna-se voz*. A *Luta* pode ser considerada a voz dos camponeses e sertanejos, impedidos de falar por tanto tempo. Incomunicáveis com os centros *civilizados* de ambos os países, fazem-se ouvir através dos gritos de revolta, dos sons das armas e da violência da repressão sofrida. Também

será considerada luta aquela do autor contra o *status quo*, ao produzir uma literatura de combate, que revela uma realidade ocultada dos grandes meios de comunicação. Este terceiro capítulo trata especialmente do papel do escritor como denunciador, do seu papel político e social e dos desdobramentos das batalhas no campo retratadas por eles.

Com a intenção de aproximar ainda mais os dois romances através da visão do homem na luta pela terra, outro texto de Saramago é trazido algumas vezes à discussão. Trata-se de seu escrito para o livro *Terra*, do fotógrafo Sebastião Salgado. Ao prefaciar o livro que traz fotos de Salgado sobre a terra no interior do Brasil e de homens que nela vivem, em sua grande maioria, sob condições insalubres, Saramago traça um retrato da condição do campo brasileiro contemporâneo. Nesse texto ele ressalta alguns momentos que marcaram de forma violenta a história recente do país, como os massacres de Eldorado dos Carajás e de Corumbiara. Massacres que fazem reviver a guerra de Canudos do sertão em finais do século XX.

Os pensamentos de alguns teóricos são trazidos para auxiliar o desenvolvimento das ideias propostas por este trabalho. Sobretudo no capítulo três, *Luta*, além de Marx e Engels, as análises de autores como Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, George Lukács, Terry Eagleton e Marshall Berman vêm como apoio fundamental para a leitura do universo político dos dois romances. Um corpo de autores especializados nas obras de Euclides e Saramago também serviu de grande auxílio durante todo o processo de pesquisa e escrita, por isso referências e citações a esses críticos também são recorrentes nos capítulos que seguem.

O resultado esperado é a leitura crítica de dois romances que tratam de espoliação do “homem simples”, muitas vezes invisível aos olhos do poder público e da sociedade em geral, mas representado brilhantemente pelas letras desses dois autores, inconformados com a cegueira social, denunciadores da realidade rural e dos desmandos dos senhores de terras.

## 1 TERRA

Falar de *terra* nos escritos de Saramago e Euclides da Cunha é atentar para um organismo extremamente complexo dentro das narrativas. Primeiro elemento de análise do presente estudo, a terra ganha um importante e cuidadoso olhar por ser considerada elemento fundamental das duas obras.

Ambos os romances são ambientados no meio rural, mas mais que local de onde se retira a subsistência, a terra é também o que move os homens para a luta, na tentativa de conquista da liberdade. Considerando os dois romances como livros denunciadores de uma situação de opressão, que anunciam através da linguagem literária fatos históricos que moveram homens para a luta, pode-se afirmar que é a terra um dos elementos que os levarão à batalha.

### 1.1 A terra e seu duplo – Paisagem e personagem na obra de ficção.

O que mais há na terra é paisagem.

*José Saramago.*

Vou na mesma paisagem  
 Reduzida à sua pedra.  
 A vida veste ainda  
 Sua mais dura pele.  
 Só que aqui há mais homens  
 Para vencer tanta pedra.  
 E se aqui há mais homens,  
 Esses homens melhor conhecem  
 Como obrigar o chão  
 Com plantas que comem pedra.  
 Há aqui homens mais homens



Que em sua luta contra a pedra  
 Sabem como se armar  
 Com as qualidades da pedra.

*João Cabral de Melo Neto*

Euclides da Cunha principia sua obra *Os sertões* com um capítulo destinado à terra. Com a intenção de fazer um estudo sobre a identidade nacional do Brasil, vai até o interior e revela que para realmente se conhecer a região é necessário observar de maneira criteriosa os elementos que a compõem: o lugar, o homem que lá vive e as lutas porque passa. Mais que uma viagem ao interior desconhecido do país, Euclides realiza:

uma escavação em busca de raízes geológicas, antropológicas e históricas da guerra entre o governo republicano e a comunidade liderada por Antônio Conselheiro, que se estendeu por quase um ano, de novembro de 1896 a outubro do ano seguinte. Penetrando no sertão da Bahia, o autor de *Os sertões* recuou no tempo à procura das origens do homem americano e da pré-história do continente.<sup>1</sup>

Esse olhar sobre a terra faz perceber que o projeto de Euclides transcende a intenção de narrar a guerra de Canudos. Sua preocupação está nos efeitos dessa guerra sobre o homem e sobre a terra. A partir da análise de cada um desses elementos – terra, homem e luta – o autor constrói o retrato da realidade sertaneja. Para cumprir essa tarefa, Euclides analisa a terra através de uma visão multiperspectivada: ora cenário, ora elemento vivo, transformador, desencadeador de enredos.

Em *Levantado do Chão*, Saramago traz aspectos semelhantes. Quando se propõe a contar a história do Alentejo, metonímia para toda a situação do campo e da propriedade privada, realiza um estudo que percorre esses três vieses. Através da saga da família Mau-tempo, revela o homem do latifúndio e então se entende que a luta do mesmo contra os desmandos do grande proprietário de terra é também fundamental para se conhecer a realidade rural portuguesa. Somado a esse duplo homem/sua luta, a análise da terra encerrará esse ciclo que resulta na escritura de um romance político.

A terra, grafada sempre com letra minúscula em *Levantado do Chão*, é trazida já no primeiro capítulo. Neste, espécie de preâmbulo do romance, não aparecem personagens humanos, nem princípio de conflito, somente a terra e um anúncio: *uma história aqui será contada de outra maneira*. O comprometimento do autor em resgatar dados históricos para engajar-se como escritor do presente se dá através de uma narrativa que se propõe a subverter

---

<sup>1</sup> Roberto Ventura em prefácio de *Ciência & Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*, livro de José Carlos Barreto de Santana.

o discurso histórico oficial, uma vez que contar essa história doutra maneira, segundo ele, é conceder voz ao oprimido, ao invés de narrar os fatos segundo a ótica de quem detém o poder. Segundo Cerdeira da Silva, na obra de José Saramago

prevaleceria o projeto de fazer história, numa espécie de pressentimento e um longo vazio que um discurso histórico falido foi incapaz de suprir. O texto de Saramago apontaria, então, para uma ‘nova história’ de portugueses (e não mais de Portugal), apresentada, agora, com roupagem literária, pela ótica desse poeta/historiador que enriquece o dito com a especificidade própria da literatura.<sup>2</sup>

A frase inicial do livro, que serviu de epígrafe para o presente capítulo, ressalta característica peculiar dada à terra por Saramago. Destaca que a paisagem é apenas um dos elementos que a compõem, ainda que seja o que mais nela abunde, por exceder em quantidade ou por sobressair em termos de comparação às outras coisas que na terra existe:

Por muito que de resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda.<sup>3</sup>

A terra para o autor é um organismo formado por distintas partes e até aquela que aparentemente se sugere ser a mais estática delas muda sempre. Essa transformação contínua da paisagem, cenário do mundo, seria talvez a explicação para a sua persistência no correr dos séculos, *para não ter se acabado ainda*:

Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado. Mas isso depende do que no chão se plantou e cultivou, ou ainda não, ou não já, ou do que por simples natureza nasceu, sem mão de gente, e só vem a morrer porque chegou o seu último fim. Não é tal o caso do trigo, que ainda com alguma vida é cortado. Nem do sobreiro, que vivíssimo, embora por sua gravidade o não pareça, se lhe arranca a pele. Aos gritos.<sup>4</sup>

Os elementos externos à paisagem influenciam-na diretamente. Embora ainda não tenha sido citado, o homem já nesse primeiro capítulo se mostra agente agressivamente transformador do ambiente. Além de mudar por causa das variações das épocas do ano, normais em todo o mundo, ou por causa das vegetações existentes em um lugar e não noutra, a paisagem terá sua parcela de *infinita existência* por causa da sua mudança travada por ação do homem: a cor da terra também depende do que se plantou e cultivou, ela pode ser vermelha como sangue sangrado, como aos gritos o sobreiro tem sua pele arrancada.

<sup>2</sup> CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. *José Saramago entre a História e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: d. Quixote. 1989. p. 28.

<sup>3</sup> SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 11

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.11

Euclides da Cunha em seu prólogo dramático propõe ao leitor de *Os sertões* uma viagem da capital litorânea até o desconhecido interior do país. Antes de abordar qualquer discussão a respeito da guerra de Canudos ou de fazer a análise das personagens de seu romance, ele constrói um estudo detalhado a respeito da paisagem do sertão. Com intuito de caracterizar aquele chão, descrevendo a sua geografia, vegetação e geologia, Euclides mostra como aquela terra terá papel fundamental nos destinos da guerra, tratada apenas no último capítulo do livro. Nessa viagem conduzida pelo narrador, envolto com a máscara de descritor da natureza, tem-se a sensação de percorrer nesse início do capítulo primeiro uma série de retratos de ambientes vistos do alto, como quem sobrevoa o lugar. Isso porque, em um primeiro momento, o narrador-cientista ainda não se envolvera emocionalmente com as questões da guerra, com os valores dos homens da região.

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares (...)

De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois (...) um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras.<sup>5</sup>

Entretanto, para leste a natureza é diversa.<sup>6</sup>

Transmuda-se o caráter topográfico, retratando o desapoderado embater dos elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideráveis. Revela-os o S. Francisco, no vivo infletir com que torce para o levante, indicando para o mesmo passo a transformação geral da região.<sup>7</sup>

E o observador que seguindo esse itinerário deixa as paragens em que revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido...<sup>8</sup>

Ver a terra como paisagem é situar-se em um espaço concreto. No caso do presente estudo, reporta-se ao sul de Portugal e ao sertão do nordeste brasileiro. Os autores recorrem a cenas de regiões teoricamente pouco conhecidas pelo público leitor: o interior onde habitam trabalhadores rurais e sertanejos. Ao adentrar a partir dessas duas obras em território distante das conhecidas ruas das grandes metrópoles, os autores acabam inserindo em seus discursos momentos descritivos desta terra que aparece como local fundamental para a sobrevivência, pois dela se tira o trabalho e o alimento.

<sup>5</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 92

<sup>6</sup> Ibid., p. 92

<sup>7</sup> Ibid., p. 95

<sup>8</sup> Ibid., p. 96

No capítulo de *Os sertões* destinado à terra, a paisagem é descrita com detalhes minuciosos da geografia local, com longos parágrafos que descrevem da geologia à vegetação sertaneja. A visão fotográfica que o autor transpõe para o primeiro capítulo da sua obra surge como uma tentativa de levar o sertão para o conhecimento do mundo:

É uma paragem impressionadora.

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho dos relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe dos elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartizitos ásperos e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repondo duramente a cada passo, mal cobertos por uma flor tolhiça – dispondo-se em cenário sem que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens.<sup>9</sup>

O escritor Orhan Pamuk em seu livro que analisa a teoria do romance, traça um paralelo entre o trabalho do romancista e o do pintor de quadros. Para ele, uma tarefa de extrema importância na construção de um romance é a descrição da paisagem:

A força e a imediatidade das imagens, em oposição às palavras, explicam os secretos sentimentos de inferioridade, a profunda inveja que os romancistas – que entendem a situação intuitiva – têm dos pintores. Contudo, o romancista não é simplesmente alguém que quer ser pintor; ele busca a habilidade de pintar com as palavras e descrições. Sente duas obrigações paralelas: por um lado, identificar e ver o mundo pelos olhos de seus protagonistas e, por outro, descrever coisas com palavras. (...) O romancista pode descrever as coisas à maneira do pintor porque está tão interessado nas coisas que rodeiam suas personagens quanto nas personagens em si e porque não está fora do mundo do romance, mas inteiramente imerso nele. Só quando entra completamente na paisagem, nos acontecimentos, no mundo do romance é que o escritor encontra a *image juste* que lhe cabe descobrir<sup>10</sup>

A paisagem é, portanto, matéria fundamental para se atingir o todo, ou, nas palavras de Pamuk, o centro. Para ele, “o centro de um romance é uma profunda opinião ou insight sobre a vida, um ponto de mistério, real ou imaginado, profundamente entranhado”<sup>11</sup> e ainda segundo o autor:

cada árvore da paisagem – cada pessoa, objeto, acontecimento, anedota, imagem, lembrança, informação, salto no tempo – foi colocada ali para apontar para o significado mais profundo, o centro secreto, que está em algum lugar abaixo da superfície<sup>12</sup>

Dessa maneira, a paisagem sertaneja e alentejana ajuda a compor e desvendar o centro de cada uma das obras aqui tratadas. Segundo Euclides, *Os sertões* seria o livro vingador do

<sup>9</sup> CUNHA, 2000, p. 44

<sup>10</sup> PAMUK, Orhan. *O romancista ingênuo e o sentimental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 84-85.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 110.

povo de Canudos. Já Saramago expressa seu desejo na contracapa de *Levantado do Chão* – “E o meu sonho foi o de poder dizer deste livro, quando terminasse: ‘Isto é o Alentejo’”. Cabe ao leitor investigar se o centro dos dois romances realmente condiz com as expectativas dos autores, mas sem dúvida a eles cabe o papel de construir através dos elementos presentes nas narrativas – e dentre eles a paisagem – o caminho que nos leva até esse *centro mais profundo*.

Conhecer a terra em seu aspecto visual é importante, pois é naquele território, e não noutra, que mais tarde as ações irão se desenrolar. É a partir dessa característica fundamental que ela ganha o caráter de personagem dos romances visto atuar de forma decisiva para o desenvolver do enredo. Quando Saramago diz em *Levantado do Chão* que o que mais há na terra é paisagem, deixa claro que ela não é dotada apenas da função de cenário. A terra possui características que transcendem a paisagem uma vez que é transformada em matéria ativa sobre a vida das personagens, movimentando as ações e impulsionando os homens às lutas.

Na obra de Saramago, o ciclo da terra direciona o ciclo de vida no latifúndio. De acordo com o momento por qual essa passa, o homem sabe se terá ou não trabalho e que tarefa se porá a fazer. As chuvas e secas excessivas atingem o homem de tal forma que acabam trabalhando como mais um fator opressor sobre a vida destes.

O mundo, com todo este seu peso, esta bola sem começo nem fim, coberta de mares e de terras, toda esfaqueada de rios, ribeiras e regatos a escorrer a aguazinha clara que vai e volta e é sempre a mesma, suspensa nas nuvens ou escondida nas nascentes por baixo das grandes lajes subterrâneas, o mundo que parece uma brutidão aos tombos no céu, ou silencioso pião como um dia o hão-de ver os astronautas e já podemos ir antecipando, o mundo é, visto de Monte-Lavre, uma coisa delicada, um relógiozito que só pode aguentar um tanto de corda e nem uma volta a mais (...)

Posto em seu devido tempo na terra, o trigo nasceu, cresceu e agora está maduro. Na orla da seara arrancamos uma espiga, esfregamo-la entre as palmas das mãos, que é gesto antigo. Desfaz-se o palhiço seco e quente (...) e dizemos, é tempo de ceifar. Estas são as palavras mágicas que hão de por em movimento as máquinas e os homens, este é o momento em que a serpente da terra, para não continuarmos a chamar-lhe relógio, perde a casca e fica sem defesa. É preciso agarrá-la antes que se esconda, se quisermos que alguma coisa mude.<sup>13</sup>

A terra perde seu *status* de entidade passiva nas obras quando esmorece o papel de paisagem e ganha característica de personagem determinante dentro do enredo ficcional dos autores. Personagem, por sua vez, multivalente. Longe de possuir características fixamente marcadas, como as mais comumente vistas em personagens da ficção tradicional de enredo linear, a terra, protagonista dessas obras, atuará de maneiras distintas no decorrer dos romances.

<sup>13</sup> SARAMAGO, 2009, p. 137-138.

Em *Os sertões*, ao mesmo tempo em que a terra massacra o sertanejo por causa das fortes secas, também será a sua aliada durante as batalhas contra o exército republicano. O enorme conhecimento do canudense a respeito da geografia local e de como utilizar as plantas nativas para a sua sobrevivência o colocará em vantagem contra o inimigo, que possui grande arsenal de guerra, mas desconhece as maneiras de dominar a natureza e garantir sua sobrevivência naquele árido clima durante os períodos da batalha. Os arbustos e as rochas se metamorfoseiam em aliados dos sertanejos, viram soldados conselheiristas.

Da mesma forma encontra-se em *Levantado do Chão* uma terra como personagem altamente complexo. Atua diretamente sobre a vida dos homens, é antagonista, objeto de culto, e também protagonista quando posta no centro do combate pela reforma agrária. Ao apresentar a família Mau-Tempo, Saramago o faz colocando-os a caminhar. Pai, mãe e o filho, um bebê de colo, saem de Monte Lavre a caminho de outra cidade onde passariam a viver. Essas personagens andam sobre a planície, os móveis vão carregados pelo burro na carroça. O contato da família com o chão é feito de forma conflitante, uma vez que a terra se mostra contrária a essa passagem. A natureza se mostra revolta e atua como verdadeira antagonista nesse movimento de uma cidade a outra:

Iam a meio da encosta quando a chuva voltou. Caíram primeiro as bagadas grossas, ameaça de cordas de água, onde é que já ia o aguaceiro. Depois o vento rapou a planície, varejou-a toda como uma vassoura, levantou a palha e o pó, e a chuva avançou do horizonte, cortina parda que em pouco tempo ocultou a paisagem distante. Era uma chuva regular, daquelas que vem para muitas horas, caindo e alagando, chegou e não se vai embora, e quando aterra já não pode com tanta água, nem cuidamos de saber se é o céu que nos molha, se a terra que nos encharca. O homem tornou a dizer, Raios partam, são os desabafos da humanidade quando outros de melhor consonância se não aprenderam.<sup>14</sup>

Sara e Domingos Mau-Tempo, postos a caminhar no trecho acima, são, segundo Cerdeira da Silva, representantes do primeiro momento da família, denominado pela autora como o tempo do silêncio<sup>15</sup>. Na cena descrita, a natureza se comporta de maneira perversa com estas personagens que representam o estágio inicial do desenvolvimento da consciência política do homem do campo. A cada nova geração da família Mau-Tempo, vê-se um crescer, um levantar-se contra a ignorância que oprime o homem. Resignados, Sara e Domingos são peregrinos e caminham errantes de cidade em cidade como jogados ao destino. Somente a tomada de consciência fará com que os homens sejam sujeitos da sua própria história. O tempo do silêncio marca, no entanto, a condição passiva das personagens diante de tudo que ao redor oprime-os. Percebe-se dessa maneira uma inversão, a terra, não agora vista mais

<sup>14</sup> SARAMAGO, 2009, p. 17.

<sup>15</sup> CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 230.

como paisagem, atua sobre a vida dos camponeses enquanto o casal e o filho são mostrados como seres frágeis por não terem a voz, que somente será conquistada quando o homem se descobrir como ser ativo na história do latifúndio.

Quando perguntado sobre quem fala em seus romances, o escritor Milan Kundera argumenta: “Ainda que seja eu quem fale, minha reflexão está ligada a uma personagem. Quero pensar suas atitudes, sua maneira de ver as coisas em seu lugar e mais profundamente do que ele poderia fazer”<sup>16</sup>. Seguindo o raciocínio de Kundera, ainda quando a voz narrativa atravessa largos parágrafos situando o leitor em espaços, evidenciando situações ou levantando reflexões, é através da perspectiva de uma personagem que essas podem ocorrer. Quando se trata a terra como personagem das obras, é possível retirar dos discursos narrativos a sua fala. A voz da terra passa a existir de maneira concreta quando desvincula-se a ideia de autor como dono absoluto do enunciado literário. Ainda diz Kundera: “Sim, é o autor que fala, entretanto tudo o que ele diz não é válido senão no campo magnético de uma personagem.”<sup>17</sup>

## 1.2 Geopoética – O lirismo na construção das narrativas da terra.

A poesia é a maior manifestação da expressão humana e a prosa a maior manifestação da expressão poética

*Walter Benjamin*

Então, as letras, uma a uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos os meus escritos se vão transformando em páginas de terra.

*Mia Couto*

O critério formal tem sido frequentemente utilizado para distinguir poesia de prosa. A apresentação visual de uma página ou a percepção, durante a leitura, da presença ou ausência de ritmo tem servido para muitos leitores e críticos como base para discernimento do gênero lírico. Outro critério, porém, deve ser considerado: o aparecimento da subjetividade dentro de

<sup>16</sup> KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 78.

<sup>17</sup> *Ibidem*. p. 78.

um texto, que propõe resolver algumas das “falhas” quanto à avaliação da lírica baseado apenas no aspecto formal.

A *Poética* de Aristóteles, ao tratar dos gêneros literários, já encontrara esse aspecto falível da caracterização da poesia baseado na forma ao denunciar a existência de longos tratados científicos e médicos feitos todos em verso, não sendo considerados pelo filósofo como fruto do trabalho de poetas. O critério da subjetividade, porém, resolveria estas questões. Um texto seria considerado lírico quando tratasse da expressão de um sujeito tentando encenar a própria construção da sua subjetividade e a sua exposição. Em artigo intitulado “Da subjetividade na linguagem”, de 1958, o teórico estruturalista Benveniste revela:

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (este sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo), mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne e que assegura a permanência da consciência.<sup>18</sup>

A presença do sujeito lírico, portanto, se desvincularia da ideia de autor e seria tido como uma entidade construída. A criação do sujeito lírico consistiria, dessa maneira, na manifestação de um *eu*, ao mesmo tempo linguístico, individual e social, exposto na poesia lírica. Essa relação, porém, entre individual e social, entre a lírica e a sociedade, poder gerar um certo estranhamento já que, sendo o lirismo pertencente à esfera do individual, como poderia ter um valor coletivo? Esta reflexão foi feita por Adorno que vê nesta relação de oposição entre lírica e sociedade um fundo ideológico:

Contudo, essa exigência feita à lírica, a exigência da palavra virginal, é em si mesma social. Implica o protesto contra uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva, uma situação que se imprime em negativo na configuração lírica.<sup>19</sup>

Por ter uma natureza verbal, a lírica pode pertencer ao mesmo tempo à esfera individual e coletiva. A partir deste pensamento, a análise da poesia das duas obras aqui estudadas é feita. A poesia dentro da prosa será vista em *Os Sertões* e em *Levantado do Chão* a partir de um conceito bem particular, denominado *geopoética*.

*Geopoética* é a poética da terra. Essa expressão foi criada por Ronaldo de Melo e Souza para compor a sua tese que tenta comprovar a essência ficcional da obra de Euclides da Cunha em resposta aos críticos que põem em dúvida essa questão.

<sup>18</sup> BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: Problemas de lingüística geral I. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 286.

<sup>19</sup> ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003. p. 68-69.



O essencial da demonstração [da tese da poética da terra] se fundamenta na correlação que se estabelece entre a diversidade da terra e a heterogeneidade do narrador. A invenção euclidiana do narrador multiperspectivado no intercâmbio dialógico dos discursos poéticos, filosóficos e científicos assegura ao escritor brasileiro lugar privilegiado na literatura nacional e internacional (Melo e Souza, p.8)<sup>20</sup>

Euclides da Cunha, em sua proposta de escritura ficcional, cria um narrador fragmentado, pois somente dessa maneira o mesmo conseguirá captar toda a matéria de uma terra extremamente diversificada. Esse narrador, sob o auxílio de seis máscaras narrativas, conseguirá reproduzir o drama da terra, visto que consegue se livrar de uma visão una que poderia ser parcial. Essas máscaras se entrecruzam durante o texto e são percebidas quando se propõe um olhar mais atento. Uma delas, atribuída por Melo e Souza, é a do historiador irônico, e pode ser encontrada, por exemplo, na seguinte passagem:

Os rudes impertinentes, os criminosos retardatários, que tinham a gravíssima culpa de um apego estúpido às mais antigas tradições, requeriam corretivo enérgico. Era preciso que saíssem afinal da barbaria em que escandalizavam o nosso tempo, e entrassem repentinamente pela civilização a dentro, a pranchadas.<sup>21</sup>

Dentro de uma tradição de escrita linear, em que o narrador possui uma voz única, um trecho como esse citado acima teria uma leitura certamente marcada por um tom preconceituoso. Erroneamente, muitas pessoas têm lido *Os sertões* como se todo ele fosse um discurso único e que a voz que chega até nós através da narrativa fosse a de um único ser. No entanto, o narrador dentro da obra passa a ser um refletor de objetos variados e insere em seu discurso múltiplas perspectivas. Cabe ao leitor aceitar as posições tomadas pelo encadeador discursivo e assumir o contrato de pôr-se no lugar do outro. Quando o narrador chama o sertanejo de criminoso retardatário não está falando na condição de si mesmo, mas vestido de ironia para representar o discurso republicano. Assumir essa fala ao próprio Euclides da Cunha é rebaixá-lo ao estigma de escritor incoerente, que muda seu discurso durante o texto por inexperiência, pois em páginas antes o escritor havia dito sobre o mesmo homem: “O sertanejo, é antes de tudo, um forte”<sup>22</sup>.

Além da ironia de que se veste esse narrador, refletindo uma atitude externa ao esperado, outro posicionamento extremamente moderno pode ser atribuído a ele: o do *observador itinerante*<sup>23</sup>. Através dessa máscara, o narrador euclidiano encaminha o leitor a uma viagem que transcende a questão espacial, pois leva o leitor também a um passeio pelo

<sup>20</sup> MELO E SOUZA, Ronalds. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p.8

<sup>21</sup> CUNHA, 2000. p. 217-8.

<sup>22</sup> Ibidem. p. 105.

<sup>23</sup> Cf. MELO E SOUZA

tempo em busca de uma viagem originária da fundação da nacionalidade brasileira. Por essa perspectiva, Euclides faz mais que uma literatura de viagem, visto que não se trata de uma mera descrição de elementos encontrados pelo caminho em uma região recém-descoberta, mas de uma análise do homem e seu ambiente que se misturam através do discurso interdisciplinar. Anatol Rosenfeld, em artigo intitulado *Literatura e Personagem*, aponta para a diferença entre descrição e narração de uma paisagem:

A descrição de uma paisagem, de um animal ou de objetos quaisquer pode resultar, talvez, em excelente 'prosa de arte'. Mas esta excelência resulta em ficção somente quando a paisagem ou o animal (...) se animam e se humanizam através da imaginação pessoal<sup>24</sup>

A paisagem ganha vida com Euclides, antropomorfiza-se para servir como alegoria para a luta, que, aparentemente só aparece no terceiro e último capítulo do livro, mas encontra-se presente em praticamente todas as páginas da obra, remetendo sempre ao capítulo final. A luta dos vegetais para romper o chão, a do homem pela sua subsistência, por exemplo, servem de metáfora para a batalha de Canudos quando todo esse processo de luta encontra sua batalha derradeira.

A originalidade da narrativa euclidiana do sertão e da selva consiste em conceder a terra como protagonista do drama que se representa. Ao representar a terra como a vasta metamorfose de um organismo vivo, o narrador euclidiano suplanta a tradição hegemônica do conhecimento ocidental-europeu, que se define na antiga separação do espírito e da natureza e na moderna dicotomia entre o sujeito e o objeto.<sup>25</sup>

A terra não se apresenta como objeto geologicamente investigável nem como fenômeno exterior ao olhar. Mitopoeticamente compreendida na visão em que se vê, a terra se representa como sujeito dotado de força vital, como personagem em ação<sup>26</sup>

Poeta da terra, Euclides da Cunha constrói sua narrativa através de um consórcio entre ciência e arte. A palavra consórcio traz em si a ideia de união em que não haja nenhum prejuízo entre as partes. Muitos críticos, porém, não têm entendido essa relação entre arte e ciência presente na obra de Euclides. Alguns chegam a dizer que se trata de uma obra científica floreada com uma linguagem rebuscada, consideram, portanto, a literatura como um mero fator estilístico que circunda o teor puramente científico ou teórico da obra. Levando em conta a tese de Melo e Souza, abre-se espaço para o debate a respeito da reflexão sobre a união entre arte e ciência e sobre o multiperspectivismo narrativo no presente capítulo.

---

<sup>24</sup> ROSENFELD, Anatol. *Literatura e personagem*. In: \_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 27.

<sup>25</sup> MELO E SOUZA, 2009. p. 10

<sup>26</sup> Ibidem, p. 23.

A união entre a ciência e a arte é o resultado de um trabalho de ruptura com uma tradição iniciada por Platão que pregava o divórcio entre esses dois campos, entre a observação e a imaginação. A teoria platônica da matematização do conhecimento, bem representada no mito da caverna, previa a separação entre o mundo sensível e o inteligível. Para ele, a ciência deve ser certa, sem margem para enganos, e, por isso, o objeto dela não deve ser o mundo em que se vive (o sensível) visto que nele tudo é fugaz. Em contrapartida, o plano das ideias (o mundo inteligível) é o plano ideal para a ciência visto que é imutável.

Indo contra a corrente do pensamento matemático, encontra-se a tese de que a origem do conhecimento está nas emoções e não exclusivamente no intelecto. Surgem nomes como Dante (e o seu *intelecto d'amore*), Goethe e Fichte. A partir desse último, mais precisamente após a publicação de seu livro “A doutrina da ciência”, na Alemanha, em que demonstra através de métodos científicos que a imaginação é a fonte transcendental de todo o princípio, funda-se a escola de Jena.

Euclides da Cunha, tomando contato com todos esses dissidentes da cultura platônica, que perdurou séculos na cultura ocidental, escreveu uma obra extremamente singular dentro do cenário nacional. Trouxe a ciência para sua escrita, mas ao invés de ser colocada em oposição à arte, é por ele tratada justamente como elemento indissociável a ela. Por isso é incoerente dizer que a obra é puramente científica ou puramente literária, visto que os conceitos de ciência e arte usados em Euclides não são os velhos conceitos do mundo cartesiano. Não tratam seus textos de uma coisa ou outra, mas sim uma coisa e outra visto que, segundo os mestres de Euclides, esses conceitos se interpenetram e são interdependentes.

Assim como Euclides constrói um narrador multiperspectivado para conseguir sinalizar, através de variados olhares, os problemas por que passa a terra, José Saramago percebe que escrever sobre a região do Alentejo só é possível através de uma voz narrativa que não parte de um ponto fixo. Ela se dissocia. O reflexo dessas impressões sobre a terra se mostra no enredo, pois através da visão de cada personagem, o leitor recebe de variados pontos de vista a matéria da narrativa. Coloca-se *Os sertões* e *Levantado do Chão*, portanto, em um ambiente comum no que diz respeito à construção de uma poética em cujo viés a terra é a condutora do fazer narrativo ao invés de objeto de descrição ou mero componente de um cenário.

Segundo Cerdeira da Silva, o narrador de *Levantado do Chão* “isenta-se de uma perspectiva maniqueísta que separa, de forma absoluta, os bons dos maus, preferindo optar

por um olhar mais detido sobre alguns elementos individuais”<sup>27</sup>. Embora seja facilmente verificado que a voz narrativa está a favor do trabalhador rural, a construção do enredo não é feita através de um simples discurso marcado pela oposição opressor x oprimido, com vitória para o representante do segundo grupo. A multivalência deste narrador e a sua capacidade de se dividir entre os mais diversos olhares é que faz a grandiosidade da obra, pois o autor, ao retirar da história o tom do discurso oficial, tradicionalmente representado pela voz do opressor, concede ao texto uma perspectiva diferente, a história passa a ser contada através do olhar daqueles que nunca são ouvidos. E é aí que reside a poesia do texto. Como contar uma história através da visão de quem nunca antes possuía voz? O despertar das consciências do trabalhador do campo vai sendo mostrado durante o romance, o poder da fala será descoberto por ele também no decorrer do enredo. Incapazes de contar a sua própria história, as personagens ganham ajuda desta *geopoética*: a terra fala por eles. Assim como em *Os sertões*, os elementos telúricos marcam o despertar dos homens. Em *Levantado do Chão*, aquele ambiente tem a força precisa para dizer o que nem sempre as palavras conseguem. A metáfora do trigo, por exemplo, mostra essa relação constante entre homem / terra / voz:

Posto em seu devido lugar na terra, o trigo nasceu, cresceu e agora está maduro. Na orla da seara arrancamos uma espiga, esfregamo-la entre as palmas das mãos que é gesto antigo. Desfaz-se o palhiço seco e quente, reunimos no côncavo da mão as dezoito ou vinte sementes daquele pé, e dizemos, É tempo de ceifar. Estas são as mágicas palavras que hão de por em movimento as máquinas e os homens, este é o movimento da serpente da terra (...)

Toda a sua vida comeu escasso e mal, de faltas contínuas padeceu, e as marchas da fome aqui praticadas vêm de tão longe como as tradições e os contos de mal olhado. Porém, todos os tempos acabam por cumprir-se. Este trigo, qualquer pessoa vê, está maduro, os homens também.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 223.

<sup>28</sup> SARAMAGO, 2009. p. 138.

### 1.3 Os fazedores de deserto

Não circula nem o ar  
 No mormaço da miséria  
 Quem luta pra respirar  
 Sabe que essa briga é séria

*Herbert Vianna & Zé Ramalho*

De sorte que, sem precisarem dos avós, antigos fazedores de desertos.

*Euclides da Cunha*<sup>29</sup>

Era uma vez um rei que nascera com um defeito no coração e que vivia num grande palácio (como sempre costumam ser os palácios dos reis) cercado de desertos por todos os lados, menos por um. Seguindo o gosto da mazela com que viera ao mundo, mandara arrasar os campos em redor do palácio, de tal despertar pela cultura as energias de um solo em que não se fixam e atravessam na faina desnorteada de faiscaidores, conservaram na ociosidade turbulenta a índole aventureira maneira que, assomando pela manhã à janela do seu quarto, podia ver desolação e ruínas até ao fim e ao fundo do horizonte.

*José Saramago*<sup>30</sup>

Ao pensar na palavra sertão, naturalmente é feita uma associação à ideia de uma região específica do Brasil distante das grandes povoações ou de terras cultivadas. Ele compreende a parte mais interior de praticamente todos os estados do nordeste e por apresentar um clima extremamente seco, uma vegetação rudimentar e condições precárias para a sobrevivência humana devido às longas secas, a expressão sertão cria ares de deserto. Em subcapítulo de *Os Sertões*, intitulado “O martírio secular da terra”, Euclides da Cunha considera sobre ela:

---

<sup>29</sup> CUNHA, 2000. p. 259.

<sup>30</sup> SARAMAGO, José. História do Rei que fazia desertos . In: \_\_\_\_\_. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Realmente, entre os agentes determinantes da seca se intercalam, de modo apreciável, a estrutura e a conformação do solo. Qualquer que seja a intensidade das suas causas complexas e mais remotas que anteriormente esboçamos, a influência daquelas é manifesta desde que se considere que a capacidade absorvente e emissiva dos terrenos expostos, a inclinação dos estratos, que os retalham, e a rudeza dos relevos topográficos, agravam, do mesmo passo a crestadura dos estios e a degradação intensiva das torrentes. De sorte que, saindo das insolações demoradas para as inundações subitâneas, a terra, mal protegida por uma vegetação decídua, que as primeiras requeimam e as segundas erradicam, se deixa, a pouco e pouco, invadir pelo regime francamente desértico.<sup>31</sup>

Essa impressão sobre o sertão traz para ele a grande característica de terra ignota. Lá vivem homens maltratados pela precariedade de um solo que já não consegue alimentá-los. Mas o que mais prejudica esse homem não é, como se pode apressadamente concluir, o tempo seco que se mostra sempre participante de sua vida e de modo tão rigoroso, mas sim a falta de meios para a subsistência provocada pelo precário apoio social do governo e avanço indiscriminado da grande propriedade. O que massacra o homem não são as agruras do tempo, ele aprendeu a lidar com elas, sabe como se preparar para as épocas mais secas, o que produzir, como armazenar seus alimentos, mas não sabe como lidar com a escassez de justiça provocada pelas cercas de arame farpado que trazem os dizeres: *aqui não podes cultivar*.

Ao considerar sertão como uma terra deserta da possibilidade de uma (sobre)vivência humanamente confortável, dadas as condições supracitadas, o conceito, então, pode-se expandir, agora não apenas a determinada área geográfica, mas como espaço subjetivo, e passa-se a encontrar um sertão (ou deserto) em cada lugar onde olhos mais sensíveis conseguirem enxergar pessoas vivendo sob situação de risco e oprimidas por fatores naturais e pela tirania do poder dos grandes proprietários, esses sim, sempre confortáveis pelas leis que lhes protegem.

Sob esse viés, é correto afirmar que é sertão a Amazônia dos seringueiros e dos meninos carvoeiros. É sertão o aterro de lixo onde homens e bichos disputam a refeição do dia. São, tão sertão quanto Canudos, as cercanias dos latifúndios (lá em Portugal ou aqui no Brasil).

O conceito de deserto trabalhado aqui é o mesmo que Euclides utiliza ao caracterizar o sertão e a Amazônia brasileira. Ele coloca essas duas paisagens do país no mesmo nível, ambos como desertos. O cenário árido do sertão nordestino facilmente pode ser associado à palavra deserto, dado o solo seco, a ausência de chuvas, as temperaturas muito quentes durante o dia e as noites frias em contraponto. Pensar, porém, a Amazônia como também

---

<sup>31</sup> CUNHA, 2000. p. 95.

parte de um deserto no Brasil causa no mínimo um estranhamento *a priori*. Nos escritos amazônicos, mais precisamente em *À margem da história*, Euclides faz uma descrição da região e deixa clara a sua frustração no momento da primeira impressão. Todo o conhecimento que tinha a respeito da selva, vindo através dos livros, fora destruído após o impacto da visão. A exuberância e beleza que acreditava encontrar lá foram substituídas pela experiência do olhar que resultou em um profundo desencanto. A realidade amazônica era outra. A terra para Euclides se encontrava ainda em um processo de formação, rios que transformam toda uma paisagem no período de cheias e chuvas destruindo dezenas de árvores em poucos minutos, por exemplo, mostravam uma terra que se movimenta num processo constante de transformação de cenário. O desencanto provocado em Euclides em um primeiro momento se converteu em sua segunda paixão: a terra amazônica convertida em deserto.

Deserto para Euclides supera a questão climática e passa a ter um caráter social e humano. Para ele o deserto existe em todo lugar onde a sobrevivência é impossível, onde o homem não pode viver por lhe faltar o fundamental, como o acesso à justiça e à dignidade. Revela-se, então, mais um deserto brasileiro quando Euclides da Cunha vai para a selva (em caráter oficial, demarcar os limites entre Brasil e Bolívia) e encontra outra grande mazela para a qual os olhos do centro do país se acham fechados, aos moldes de Canudos: o trabalho escravo sofrido pelo seringueiro e o sistema cruel praticado pelos “donos” da floresta, os senhores da borracha, apoiados pelo governo federal.

É que, realmente, nas paragens exuberantes das *heveas* e *castilloas*, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo.

De feito, o seringueiro, e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das “estradas”, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Demonstra-se esta enormidade precitando-a com alguns cifrões secamente positivos e seguros.

Vede esta conta de venda de um homem: No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num *gaiola* qualquer, de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no *barracão* senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, isto é, ainda não aprendeu o *corte da madeira* e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 *paneiros* de farinha d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um

talho de machadinha, ainda é o *brabo* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000.<sup>32</sup>

A exemplo de Euclides, é pensado no presente trabalho ser deserto todo lugar onde impera a ausência de condições mínimas de sobrevivência, onde, em seu lugar, exista a injustiça, o medo, a ausência de sonho e liberdade. Dessa maneira, recorre-se a esse conceito para tratar a terra de *Levantado do Chão*. A região do Alentejo encontra-se no romance de Saramago regida por um poder autoritário, uma polícia arbitrária, uma justiça que privilegia o proprietário de terra. Como consequência desse sistema, é destinada ao trabalhador rural uma existência em meio ao deserto, uma vez que não tem acesso a condições dignas de vida, lhes são negados os direitos à justiça, ao trabalho, à informação, à comida.

João Mau Tempo vai numa espécie de sonho, a noite já quase caiu, e se vierem lágrimas aos olhos, paciência, um homem não é de pedra, o que é preciso é que os camaradas não deem por isso, para não fraquejarem também. De um lado e de outro da estrada é o deserto, passados os Foros são tudo searas rasas, daqui a pouco nasce a lua, que é Junho e vem cedo, é lá adiante há umas pedras, que gigantes as teriam rolado, bom sítio para emboscada, imagine-se que estava lá o José Gato, mais os seus quadrilheiros.<sup>33</sup>

Na cena referida no trecho acima, a personagem João Mau-Tempo e seus companheiros estão sendo levados pela polícia em um carro. Na estrada, cortando um *deserto*, a personagem fantasia: “Imagine-se que lá estava o José do Gato”. Tanto João quanto seus amigos estão sendo levados injustamente. Por ironia, João cria uma cena em que o famoso bandido da região, José do gato, aparece para libertá-los. Nessa alegoria, Saramago sinaliza como os papéis se invertem sobre as leis do latifúndio. A justiça seria feita pelas mãos dos bandoleiros, que os tirariam do domínio da guarda. Percebe-se novamente o deserto: no meio da estrada, a justiça escapou e os homens não têm a quem recorrer, pois quem os prende, humilha e mata possui o discurso da lei.

---

<sup>32</sup> CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. v. 1. p. 232.

<sup>33</sup> SARAMAGO, 2009. p 152.



#### 1.4 Cão que ladra no latifúndio – as cercas no Alentejo, Canudos e no sul do Pará.

Diziam eles que se o cordeiro veio ao mundo para ser comido pelo lobo, conforme se podia concluir da simples verificação dos fatos da vida pastoril, é porque a natureza quer que haja servos e haja senhores, que estes mandem e aqueles obedeçam, que tudo quanto assim não for será chamado subversão.

*José Saramago*<sup>34</sup>

Participando do projeto *Terra*, livro do fotógrafo Sebastião Salgado com colaboração de Chico Buarque, José Saramago escreveu um retrato da situação rural do Brasil e apontou um dos episódios mais marcantes da história recente do campo brasileiro, o massacre de Eldorado dos Carajás. Ocorrido em 17 de abril de 1996, no município de Eldorado dos Carajás, no sul do Pará, em decorrência do investimento da polícia militarizada contra um grupo de mais 1500 trabalhadores sem terra que protestava contra as demoras nas desapropriações de terra. O confronto ocorreu de maneira extremamente violenta, resultando na morte de 19 trabalhadores.

“Oxalá não venha nunca à sublime cabeça de Deus a ideia de um dia viajar a estas paragens”<sup>35</sup>, inicia Saramago seu texto que prefacia o livro composto por fotos de Sebastião Salgado em que trabalhadores, crianças e famílias são retratados vivendo em ambientes de condições insalubres. Muitos dessas personagens fotografados são sertanejos sob o sol, caminhando sobre o seco solo, tais quais os de Euclides presentes em *Os sertões*. As fotos, o texto de Saramago e as músicas de Chico Buarque constituem uma obra dedicada às

milhares de famílias de brasileiros sem terra que sobrevivem em acampamentos improvisados às margens das rodovias, lutando, na esperança de um dia conquistar um pedaço de terra para produzir e viver com dignidade.<sup>36</sup>

“Oxalá”, diz Saramago e lança mão de um recurso estilístico particular – evoca a figura de Deus e a história da criação, relembra o pecado original, o castigo divino e, assim, encontra a justificativa para o sofrimento dos homens. Veste-se com ironia para tratar esse Deus e assim fundamenta a tese de que o castigo dado fora merecido e de que o ato cometido no princípio dos tempos – morder do fruto proibido – reflete-se até hoje na vida dos homens:

(...) o castigo que por ele foi aplicado, no começo do mundo, ao nosso primeiro pai e à nossa primeira mãe, os quais, pela simples e honesta curiosidade de quererem saber a razão porque tinham sido feitos, foram sentenciados, ela, a parir com esforço e dor, ele, a ganhar o pão da família com o suor do seu rosto, tendo como destino

<sup>34</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 9

<sup>36</sup> Dedicatória de Sebastião Salgado para o livro *Terra*.

final a mesma terra donde, por um capricho divino, haviam sido tirados, pó que foi pó, e pó tornará a ser.<sup>37</sup>

Seguindo adiante, o autor passa a “pôr em xeque” a divindade de Deus e orienta seu discurso a fim de que o leitor comece a questionar a justiça divina:

Se, porém, o dito Deus<sup>38</sup>

Acabaria reconhecendo que é tão pouca coisa ser-se um Deus, quando, apesar dos famosos atributos as onisciência e onipotência, mil vezes exaltados em todas as línguas e dialectos, foram cometidos, no projecto da criação da humanidade, tantos e tão grosseiros erros de previsão, como foi aquele, a todas as luzes imperdoável, de apetrechar as pessoas com glândulas sudoríparas, para depois lhes recusar o trabalho que as faria funcionar – as glândulas e as pessoas.<sup>39</sup>

Inicia-se sua crítica de âmbito social e a denúncia a respeito da falta de trabalho. Aceita Deus seu erro e assume *mea culpa*. Este é um Deus que, rompendo totalmente com a tradição, admite seus erros. Um dos maiores deles seria, segundo o texto, um equívoco na previsão divina - tendo expulsado o primeiro casal do paraíso, havia concedido para eles todo o restante da terra para que nela trabalhassem, mas ele não havia pensado que assim ocorreria:

Foi o caso que estando já a terra assaz povoada de filhos, filhos de filhos e filhos de netos da nossa primeira mãe e do nosso primeiro pai, uns quantos desses, esquecidos de que sendo a morte de todos, a vida também o deveria ser, puseram-se a traçar uns riscos no chão, a espetar umas estacas, a levantar uns muros de pedra, depois do que anunciaram que, a partir desse momento, estava proibida, (palavra nova) a entrada nos terrenos que assim ficavam delimitados sob a pena de um castigo, que segundo os tempos e os costumes, poderia vir a ser de morte, ou de prisão, ou de multa, ou novamente de morte<sup>40</sup>

Nasce, assim, o latifúndio – uma forma de homens comandarem outros homens, numa relação de força e poder sem, aparentemente, um motivo original realmente justificado, mas “não falta quem afirme que disto não poderão ser atiradas as responsabilidades para as costas de Deus”<sup>41</sup>. A partir disso, segue um novo questionamento: por que, no princípio dos tempos, os da criação da propriedade de terra, certos homens deixaram-se oprimir?

(...) aqueles nossos antigos parentes que por ali andavam, tendo presenciado a espoliação e escutado o inaudito aviso, não só não protestaram contra o abuso com que fora tornado particular o que até então havia sido de todos, como acreditaram que era essa a irrefragável ordem natural das coisas de que se tinha começado a falar por aquelas alturas. Diziam eles que se o cordeiro veio ao mundo para ser comido pelo lobo, conforme se podia concluir da simples verificação dos fatos da vida pastoril, então é porque a natureza quer que haja servos e haja senhores, que estes

<sup>37</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997, p. 9.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>41</sup> Ibidem.

mandem e aqueles obedeçam, e que tudo assim quanto não for será chamado subversão.<sup>42</sup>

A partir do discurso bíblico, o autor procura formular, paralelo à alegoria da criação da humanidade, uma tese sobre a gênese da propriedade de terra, da alienação, da situação do oprimido e da palavra subversão.

Karl Marx, em seu escrito denominado *Trabalho Alienado*, contido em seus *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, discorre sobre os fatores que levam os homens a alienarem-se dentro do sistema latifundiário. A respeito do recurso de resgate ao discurso bíblico, utilizado por José Saramago para tratar destas mesmas questões sobre a concentração fundiária, Marx observa:

(...) temos agora de apreender a ligação real entre todo esse sistema de alienação - propriedade privada, ganância, separação entre trabalho, capital e terra, troca e competição, valor e desvalorização do homem, monopólio e competição - e o sistema do *dinheiro*.

Não iniciaremos nossa exposição, como o faz o economista, por uma legendária situação primitiva. Uma tal situação arcaica nada explica; simplesmente afasta a pergunta para uma distância turva e enevoada. Ela afirma como fato ou acontecimento o que deveria deduzir, ou seja, a relação necessária entre duas coisas; por exemplo, entre a divisão do trabalho e a troca. Da mesma maneira, a teologia explica a origem do mal pela queda do homem; isto é, ela assegura como fato histórico aquilo que deveria elucidar.<sup>43</sup>

Em *Terra*, porém, José Saramago utiliza o recurso bíblico justamente para se opor a esse discurso teológico de que fala Marx. Ele ironiza o castigo divino e o próprio Deus e assim constrói a sua fala sobre os problemas do campo. Quando diz que “os nossos parentes que por ali andavam”<sup>44</sup> não reclamaram do abuso de ter tomado alguns homens para si grandes propriedades, Saramago aponta que, a explicação para isso, *alguns dirão*, pode ser dada pela vontade de Deus. O autor não acredita nisso, o que percebe-se pela construção “não falta quem afirme” que Deus quis assim. Assim como Marx e Saramago não aceitam que a teologia tenha a explicação para uns possuírem terras e outros não, ambos também combatem a explicação dada pela Economia Política:

A economia Política parte do fato da propriedade privada; não a explica. Ela concebe o *processo material* da propriedade privada, como ocorre na realidade, por meio de fórmulas abstratas e gerais que, então, servem como leis. Ela não *compreende* essas leis; isto é, ela não mostra como surgem da natureza da propriedade privada. A Economia Política não dá nenhuma explicação da base para a distinção entre trabalho e capital, entre capital e terra. Quando, por exemplo, a relação entre salários e lucros é definida, isso é explicado em função dos interesses

<sup>42</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997. p. 10.

<sup>43</sup> MARX, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Disponível em: <<http://marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap01.htm>>

<sup>44</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997. p. 10.

dos capitalistas; por outras palavras, o que devia ser explicado é admitido. Analogamente, a competição é referida a todos os pontos e explicada em função das condições externas. A Economia Política nada nos diz a respeito da medida em que essas condições externas, e aparentemente acidentais, são simplesmente a expressão de uma evolução necessária. Vimos como a própria troca se afigura um fato acidental. As únicas forças propulsoras reconhecidas pela Economia Política são a *avareza e a guerra entre os gananciosos, a competição*.<sup>45</sup>

Em *Terra*, Saramago segue com os questionamentos de Deus sobre a sua própria divindade e mostra que Ele “arrependeu-se dos males que havia feito e permitido”<sup>46</sup>. Reconhece-se que as falhas no processo da criação estão diretamente relacionadas ao mau funcionamento na vida social do ser humano. A desigualdade social no campo, que faz com que a maioria dos homens vivam de maneira *sub-humana*, faz Deus, “num arrebatado”, querer mudar de nome, ironicamente, para um mais humano, decide portanto chamar-se Justiça ou Direito. E, num processo de humanização, Deus fala ao povo, mostra que precisa mudar de nome e estar mais próximo deste que tanto sofrera por causa de seus erros. As pessoas, porém, possuem uma voz e falam diretamente com Deus:

Falando à multidão anunciou: “A partir de hoje chamar-me-ei Justiça.” E a multidão respondeu: “Justiça nós já a temos, e não nos atende.” Disse Deus: “Sendo assim, tomarei o nome de Direito.” A multidão tornou a responder-lhe: “Direito, já o temos, e não nos conhece.” E Deus: “Nesse caso, ficarei com o nome Caridade, que é um nome bonito.” Disse a multidão: “Não necessitamos de caridade, o que queremos é uma Justiça que se cumpra e um direito que nos respeite.”<sup>47</sup>

O motivo de ter escolhido os nomes de Direito e Justiça, como saída a uma falta de humanidade, pode ser associada ao conceito de *poder* estabelecido por Benjamin. Em seu artigo *Sobre a crítica do poder como violência*, contido em *O anjo da História*, o autor relaciona a crítica do poder com as relações dele com a Justiça e o Direito, ambos escritos com letra maiúscula, como no texto de Saramago. Para Benjamin, são os conceitos de Direito e Justiça que delimitam as relações de ordem ética. Ter bem marcados os limites éticos é que fará com que “a forma como uma causa atua”<sup>48</sup> possa ser ou não transformada em violência. Direito e Justiça, portanto, seriam nomes mais humanos para Deus, uma vez que estes dois conceitos delimitam os valores éticos que, por sua vez, interferem na relação entre poder e violência. Porém, de nada servirá àquela multidão que Deus mude de nome, já que, esvaziados de sentido, Direito e Justiça não servem para atender os interesses do povo.

<sup>45</sup> MARX, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*.

<sup>46</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997. p. 10.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 10-11

<sup>48</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre a crítica do poder como violência. *O anjo da história*. Tradução Joao Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 59.

Consciente como sujeitos de sua própria história, a multidão também nega a *Caridade*. Segundo Cerdeira da Silva, ao pensar nas relações manifestadas entre o papel da Igreja e das mulheres ricas do latifúndio de *Levantado do Chão*, uma das formas de manter o jugo sobre os oprimidos é ainda a caridade<sup>49</sup>. Uma diferença forte entre o povo representado no texto contido em *Terra* e o de *Levantado do chão* é a presença de uma voz consciente daquele, enquanto este aceita resignado a esmola de dona Clemência que toda quarta e sábado distribuía “como prova de virtude cristã e remédio eficaz para alívio da alma”<sup>50</sup>:

Ai senhor padre Agamedes, o bem que me faz à alma, e se alguém jurar que de hipocrisia dona Clemência fala, muito enganado está, que ela é que sente a diferença que na alma lhe vai às quartas e sábados, em comparação com os outros dias. (LC, 188)

A gênese da propriedade, trazida por Saramago no texto prefácio de *Terra*, servirá para introduzir uma segunda fase de seu texto. Se retirando Deus do mundo, percebendo que ali não lhe cabe lugar, verá, como que de relance uns barulhos de armas, uma desordem, sangue e gritos. O texto muda de tom e a voz passa a ser grave, como uma denúncia jornalística: “No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás” / “Pelas três horas da madrugada do dia 9 de agosto de 1995, em Corumbiara”.<sup>51</sup> A mudança na progressão textual causa uma conseqüente quebra na expectativa do leitor. O autor agora fala de fatos realmente ocorridos no campo brasileiro, fatos pertencentes à História. Seguido dos relatos sobre os massacres, de Eldorado e de Corumbiara, o autor segue com um parágrafo quase didático em que fala sobre a concentração de terra no Brasil. E finaliza:

Os 19 mortos de Eldorado dos Carajás e os 10 de Corumbiara foram apenas a última gota de sangue do longo Calvário que tem sido a perseguição sofrida pelos trabalhadores do campo, uma perseguição contínua, sistemática, desapiedada, que, só entre 1964 e 1995, causou 1635 vítimas mortais, cobrindo de luto a miséria dos camponeses de todos os estados do Brasil, com mais evidência para Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Pará e Pernambuco, que contam, só eles, mais de mil assassinados.<sup>52</sup>

As cenas se repetem: uma guerra iniciada em 1896 e finda em 1897 com a morte do último canudense; as lutas em Monte Lavre da *ficção* de Saramago, denunciadora daquela realidade rural; o massacre de Eldorado de Carajás em 1996.

A situação de abandono a que foi legado o latifúndio no Brasil e em Portugal pode ser visto nas obras dos dois escritores. Cada um no seu tempo, escrevem e denunciam como a

<sup>49</sup> CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 205.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

<sup>51</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997. p. 11

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 12.

terra, vista sobre o lado de fora da cerca, sob o símbolo do latifúndio, gera uma situação de miséria no campo, fundamentada por “um direito que não se respeita e uma justiça que não se cumpre”<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997. p. 17.

## 2 HOMEM

Na luta pela terra, presente nos dois romances aqui estudados, uma personagem comum é apresentado – o homem do campo. Para entender a batalha de Canudos e os conflitos de terra no Alentejo, os autores de *Os Sertões* e *Levantado do Chão* traçam um retrato desse homem, que, tradicionalmente, não tem sua voz representada por se encontrar histórica e socialmente sempre à margem.

O presente capítulo pretende analisar não só o perfil dos homens e mulheres do campo, mas também o seu despertar para uma tomada de consciência que os leva até a *luta*. Os contextos históricos e as relações sociais são importantes para perceber a identidade dessas personagens além de servir para identificar as razões que os movem, os homens e as lutas.

### 2.1 Antes de tudo, um forte.

Sertão é onde manda quem é forte com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado.

*Guimarães Rosa*

Em uma das frases mais famosas de *Os sertões*, Euclides da Cunha caracteriza o homem canudense: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. E segue a sua descrição através de um jogo de opostos:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. (...) É desgraçoso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. (...)

Entretanto toda essa aparência de cansado ilude.

(...) Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se (...) e da figura do tabaréu

canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento de força e agilidade surpreendente<sup>54</sup>.

O narrador de *Os sertões*, ocupado em apresentar o homem de Canudos, tem a função de descrever uma personagem que, assim como a terra onde vive, possui suas peculiaridades em relação ao centro do país. Esse narrador caracteriza o sertanejo através de um discurso composto por um recurso dialético baseado em ressaltar a natureza contraditória desta personagem. Como efeito, um estranhamento é provocado e o leitor, diante de um “Hércules-Quasímodo”, titubeia entre os sentimentos de admiração e compaixão.

Com o olhar de descoberta sobre este homem, o narrador, para revelar através da escrita aquele que viria a ser o herói da Campanha de Canudos, busca referências do repertório cultural do autor, intelectual do Rio de Janeiro, para compor esta personagem. Assim, diante do novo e agora despido de um conceito primeiro criado pela leitura das notícias da guerra veiculadas pelos jornais da época, o autor, em choque, transfere para a escrita a sensação vivenciada e cria um narrador multifacetado.

As notícias que chegavam para os leitores das cidades eram que um bando de monarquistas, guiado por um louco fanático, colocava a República em risco, provocava o caos, atrapalhava a paz, eram bandoleiros, perigosos, ignorantes. Quando convidado a seguir para Canudos para juntar-se aos outros jornalistas e continuar a reproduzir o discurso que até então vigorava nos jornais, Euclides da Cunha deparou-se com uma realidade contrária à esperada. Viu que o homem a quem mal julgavam era em verdade um oprimido, vítima de um sistema de governo que priorizava os ricos, representados naquela região pelos os coronéis - donos de terra, de vontades e de gentes. Oprimido, mas antes de qualquer coisa, *um forte*. Diferente dos engravatados senhores respeitáveis da metrópole, não possuía aquele “raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”. Porém a fortaleza que este homem representa não pode ser percebida num relance de vista, é preciso uma análise mais atenta. O corpo aparenta ser fraco, débil, cansado, entretanto, diz Euclides “toda essa aparência de cansado ilude”, e então o homem é visto como metáfora da terra em que vive. O sertão, árido e desgracioso, é em verdade uma terra, *antes de tudo*, rica na sua biodiversidade e uma fortaleza naquele campo de batalha.

---

<sup>54</sup> CUNHA, 2000. p 147.



Uma dupla significação para o vocábulo “forte” pode ser explorada dentro da sentença de Euclides que serve de título para esta seção. A expressão “um forte” usada para caracterizar o sertanejo deixa ampliado o sentido da palavra, podendo ser lida ora como adjetivo ora como substantivo, ou ambos ao mesmo tempo se for analisada a proximidade significativa que as duas classes apresentam, sobretudo por serem usados para se referir ao elemento humano dentro de uma guerra.

O sertanejo é forte e sua força consiste, sobretudo, no poder de resistência às adversidades, primeiro as naturais, depois as impostas pela batalha. A força do caráter adjetivo deste vocábulo pode ser reparada, no trecho citado cima, quando usado para caracterizar o sertanejo em oposição ao homem da cidade. O homem do sertão está longe de ser raquíptico, ao contrário daquele que é chamado pelo autor de *mestiço neurastênico*. A neurastenia referida ao cidadão litorâneo, orgulhoso de representar o que de mais há de civilizado no país, consiste em uma neurose que acarreta enfraquecimento da força nervosa, com sintomas de tristeza, falta de vontade, perda de memória, ideação difícil, impotência, e, com maior frequência, males físicos do tipo das dores de cabeça, perturbações vasomotoras e sensitivas.<sup>55</sup> Popularmente, o neurastênico é um mal humorado, homem de irritabilidade fácil. Ao contrário das fraquezas características do meio urbano, o sertanejo guarda em si sua força, disposta de forma camuflada pela aparência de *tabaréu canhestro*, pela sua figura desgraciosa, envolta pela capa de uma *fealdade* de *Quasímodo*.

É forte também no que diz respeito à manutenção do ideal da luta, pois não se rendeu diante do exército brasileiro, mesmo depois de tantas expedições enviadas pelo governo, de tanto tempo de confronto e boicotes como o corte de fornecimento de água para a cidade, por exemplo. Euclides sintetiza essa força em “Canudos não se rendeu”, frase que inicia sua fala no capítulo *Luta* sobre o fim da batalha, terminada apenas após a morte do último sertanejo. Dentro desse contexto de guerra, o sintagma “um forte” é facilmente remetido ao sentido bélico da palavra-núcleo, em que *forte* é analisado como substantivo sinônimo à fortaleza. Seguindo esse viés, o homem é para Euclides uma edificação, uma estrutura militar projetada para a guerra. Estrutura, porém, defensiva. Os fortes de batalha são construídos com a intenção de proteger regiões quanto a um possível ataque e podem ser classificados em fortificações permanentes, monumentos construídos para proteger cidades importantes contra ataques de inimigos, e fortificações de campanha, aquelas erguidas no contexto de um

---

<sup>55</sup> Dicionário Aurélio.

combate ou uma guerra por tropas no campo. Essas últimas, geralmente, não permanecem na memória por serem construções sem preparo prévio, as quais o correr do tempo e as condições climáticas as fazem extinguir. A partir da imagem de uma fortificação de campanha, a metáfora de Euclides se completa: aquele homem é forçado a transfigurar-se em fortaleza, de maneira improvisada, ao sabor da necessidade de defesa.

O *homem* de Euclides é uma espécie de oxímoro provado possível, é *um forte* por aparentar fraco e ainda assim guardar em si um *titã adormecido*, despertado a cada momento em que seu cotidiano de penúrias o solicita. Para entender este homem de fato é necessário, no entanto, fugir do perigoso risco dos olhares romantizados, que poderiam transformá-lo em um herói idealizado que luta contra os opressores, representados pelos latifundiários e pelo Estado. Justamente para fugir a isso, Euclides constrói o seu narrador *multiperspectivado* que não representa apenas uma voz dentro do romance, mas várias. Conta a mesma história sob a perspectiva dos vencedores, dos vencidos, do homem da cidade, do latifundiário, do trabalhador sem terra e da própria terra.

Além de entender a multiplicidade deste narrador e de reconhecer suas vozes, é necessário também observar que este homem descrito por Euclides da Cunha é um sujeito histórico, situado em tempo e espaço específicos. É preciso que se busque as razões que movem esses homens e as relações que eles possuem naquele momento determinado, o da escritura de *Os sertões*. Essa observação, porém segundo Benjamin deve ser feita de maneira que se reconheça que

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico no momento do perigo. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes.<sup>56</sup>

Para Benjamin, o discurso a respeito da história é inseparável de uma prática política e narrativa. Ao contrário do pensamento historicista, pautado em uma tradição cronológica linear em que o passado é um dado isolado e analisado através do conceito de verdade, Benjamin percebe que o conceito de história deve ser pautado através da experiência, relação defendida pelo materialismo histórico. Dessa maneira, a experiência vivida pelo sujeito histórico deve ser analisada para não cair no perigo latente da reprodução historicista em que, ao ler o passado através da empatia com os vencedores, o discurso do opressor passa sempre a

---

<sup>56</sup> BENJAMIN, 2012, p.11-12.

ser reproduzido por ter como justificativa o caminho rumo ao progresso – esse vendaval que paralisa o anjo da história<sup>57</sup>.

Quando se depara com a história dos vencidos sendo contada, percebe-se o rompimento com o discurso da tradição feito por Euclides. O sertanejo de Canudos era, no final de século XIX, a personagem que mais poderia se aproximar da figura de um possível inimigo da classe dominante do país naquele contexto de uma República recém-proclamada. Composta por uma população formada por elementos tipicamente marginalizados que se organizaram com o intuito de viverem em um sistema sem patrão e empregado, sem polícia ou governante, a cidade de Canudos logo virou alvo de políticos e coronéis que temiam o enfraquecimento do poder sobre a região.

Se no interior do país era grave a tensão, na capital, forçava-se uma aparência de tranquilidade, divertimento, efervescência cultural, elegância e refinamento. Vigorava o que Nicolau Sevcenko<sup>58</sup> chamou de “a inserção compulsória do Brasil na *belle époque*”<sup>59</sup>.

O advento da república marcou no país um processo de desestabilização e reajustamento social. Consolidou também de vez a proclamação do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. Importava-se de fato em estar a par das novidades europeias e a curiosidade pelos menores detalhes do Velho Mundo passava a fazer parte do cotidiano carioca. Associada a essas mudanças, uma série de crises políticas atingiu as elites tradicionais do antigo Império e em seguida tendeu a eliminar também da cena política os grupos comprometidos com os anseios populares e envolvidos com as correntes mais radicais do republicanismo.

Se os conflitos políticos tendiam a decantar os agentes cuja qualidade maior fosse a moderação no anseio das reformas, as agitações econômicas, por seu lado, apuravam os elementos predispostos à ‘fome do ouro, à sede de riqueza, à sofreguidão do luxo, da posse, do desperdício, da ostentação, do triunfo’. Conciliando essas duas características, o conservadorismo arejado e a cupidez material, pode-se conceber a imagem acabada do tipo social representativo por excelência do novo regime<sup>60</sup>

Durante o processo de mudança no cenário político, uma rede fora formada em torno do poder governista. Cargos importantes foram rapidamente concedidos a grupos dos ilustres “Homens Novos” que faziam movimentar a economia através de investimentos e recebiam

---

<sup>57</sup> Referência à alegoria criada por Benjamin para tratar a posição da história em relação ao passado e ao futuro. Nela, o anjo da história possui sua cabeça voltada para o passado. Seus olhos estão abertos, horrorizados diante do que vê. Ele gostaria de voltar e arrumar as ruínas que ficaram para trás, mas um vendaval empurra suas asas para frente, o futuro. A esse vendaval Benjamin chamou de progresso.

<sup>58</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

<sup>59</sup> Título do capítulo I de seu livro *Literatura como Missão*.

<sup>60</sup> SEVCENKO, 1995, p. 26

em contrapartida “nomeações”, “indenizações”, “concessões”, “garantias”, “subvenções”, “favores”, “privilégios” e “proteções” do novo governo.<sup>61</sup> Segundo Lima Barreto, contemporâneo de Euclides da Cunha, em trecho de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*:

Cada qual mais queria, ninguém se queria submeter ou esperar, todos lutavam desesperadamente como se estivessem num naufrágio. Nada de cerimônias, nada de piedade; era para a frente, para as posições rendosas e para privilégios e concessões. Era um galope para a riqueza, em que se atropelava a todos, os amigos, os inimigos, parentes e estranhos. A República soltou de dentro de nossas almas toda uma grande pressão de apetites de luxo, de fêmeas, de brilho social. Nosso império decorativo tinha virtudes de torneira. O encilhamento, com aquelas fortunas de mil e uma noites, deu-nos o gosto pelo esplendor, pelo milhão, pela elegância e nós atiramo-nos à indústria das indenizações. Depois, esgotados, vieram os arranjos, as gordas negociatas sob todos os disfarces, os desfalques, sobretudo a indústria política, a mais segura e a mais honesta. Sem a grande indústria, sem a grande agricultura, com o grosso do comércio na mão dos estrangeiros, cada um de nós sentindo-se solicitado por um ferver de desejos caros e satisfações opulentas, começou a imaginar meios de fazer dinheiro à margem do código e a detestar os detentores do poder que tinham a feérica vara legal de fornecê-lo a rodo.<sup>62</sup>

O intensivo investimento do capital estrangeiro no país era visto pelo governo como um fabuloso caminho para o progresso, que, sendo a “versão prática do conceito homólogo de civilização, se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia.”<sup>63</sup> Essa nova ordem financeira exigia também uma remodelação social para uma espécie de ajuste entre a ampliação no setor econômico aos hábitos e manejos sociais:

Era preciso pois findar com a imagem da cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude plantada bem no seu amago, vivendo no maior desconforto, imundície e promiscuidade e pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do centro ao som do primeiro grito de motim.<sup>64</sup>

O processo de higienização da cidade acabou resultando na expulsão da população mais pobre da região central. A nova ordem vigorava contrariando o ideário de liberdade e justiça pregado no princípio pelos republicanos e o medo de revoltas contra o governo também colaborou com a dissolução dos grupos que mais sofriam com as arbitrariedades governistas.

Segundo Sevcenko, se por um lado havia no país um crescimento global,

A participação social no sistema produtivo e na absorção dos recursos gerados era muito limitada. Assim como muito limitada e até decrescente era a participação política. (...) O controle pelo Estado da maioria quase absoluta dos

<sup>61</sup> SEVCENKO, 1995, p. 26.

<sup>62</sup> BARRETO, Lima. *Obras de Lima Barreto*. Organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956. 17 v.

<sup>63</sup> SEVCENKO, 1995, p. 29

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 29

cargos técnicos e de múltiplos postos proveitosos estimulava o patrimonialismo, o nepotismo, o clientelismo e toda forma de submissão e dependência pessoal<sup>65</sup>

Em *Os bestializados – o Rio de Janeiro e a república que não foi*, José Murilo de Carvalho aponta para a relação entre a falta de participação política da cidade e a sua entrada definitiva à *belle époque*.

Domesticada politicamente, reduzido seu peso político pela consolidação do sistema oligárquico de dominação, à cidade pôde ser dado o papel de cartão-postal da República. Entrou-se de cheio no espírito francês da *belle époque*, que teve seu auge na primeira década do século. (...) Mais que nunca, o mundo literário voltou-se para Paris, os poetas sonhavam viver em Paris e, sobretudo, morrer em Paris. Com poucas exceções, como o mulato Lima Barreto e o caboclo Euclides da Cunha, os literatos se dedicaram a produzir para o sorriso da elite carioca, com as antenas estéticas voltadas para a Europa.<sup>66</sup>

Essas exceções a que o autor se refere eram os intelectuais que, diante do temor que a realidade brasileira suscitava, desenvolveram um nacionalismo peculiar caracterizado, por exemplo, “na obstinação com que Euclides da Cunha apregoava a necessidade de conhecimento do país, a colonização do interior e a construção de uma rede interna de comunicação viária”<sup>67</sup>. Essa reação implicaria

um mergulho profundo na realidade do país a fim de conhecer-lhe as características, os processos, as tendências e poder encontrar um veredito seguro, capaz de descobrir uma ordem no caos do presente, ou pelo menos diretrizes mais ou menos evidentes, que permitiriam um juízo concreto sobre o futuro. Nesse contexto é que se inserem os esforços renitentes dispendidos na tentativa de determinar um tipo étnico específico representativo da nacionalidade ou pelo menos simbólico dela, que se prestasse a operar como um eixo sólido que centrasse, dirigisse e organizasse as reflexões desorientadas sobre a realidade nacional.<sup>68</sup>

A ida de Euclides ao sertão nordestino, e depois à Amazônia, teve uma razão ideológica. Ao contrário do que até hoje alguns críticos acreditam, *Os sertões* não se tratam de uma obra sobre a guerra de Canudos, mas sim um estudo aprofundado em busca da identidade brasileira. O encontro com o sertanejo é descrito em seu capítulo *O homem* e nele percebe-se que a linguagem antitética que o autor utiliza para caracterizá-lo, como no trecho no início desta seção, é, segundo Leopoldo Bernucci, fruto de um processo provocado pelo choque do escritor com as cenas do massacre seguido pelo processo da escrita, em que as anotações das suas cadernetas de campo se transformaram no romance publicado em 1902:

Fora do círculo hipnótico de um entusiasmo sincero, o seu patriotismo e as primeiras impressões se modificam. No respeitoso silêncio do seu gabinete de

<sup>65</sup> SEVCENKO, 1995, p. 50

<sup>66</sup> MURILO DE CARVALHO, José. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.40.

<sup>67</sup> SEVCENKO, 1995, p. 84

<sup>68</sup> *Ibidem*, p.85

trabalho, longe dos sobressaltos que o sensibilizaram o coração, o autor deixa escapar novamente o olhar inquisidor sobre tudo aquilo, anotado, visto, lido e ouvido. Se é com indisfarçável candor que nele vemos uma confissão honesta e logo a negação daquela através das contradições que o próprio texto apresenta, não é inteiramente negativa a imagem que se deve reter dele. Seu compromisso social era muito forte e a tarefa de escritor ele a encarava como missão. Uma missão reformista, didática, edificante, honesta sobretudo num país pouco dado a fazer do terror uma arlequinada de circo de cavalinhos.<sup>69</sup>

Tomando conhecimento desse modo de narrar o homem do sertão, pode-se pensar no “enigma Antônio Conselheiro”. Sua figura contraditória e quase mítica despertou a curiosidade de variados jornalistas, escritores e cordelistas. Sua imagem caricata coloca o beato no centro de uma análise pejorativa a todo o povo canudense. O líder do arraial de Canudos e seu discurso messiânico estavam à frente de uma população que, numa tentativa de lutar pela sobrevivência, resolvera agrupar-se e negar alguns mandamentos impostos pela nova república. Os julgamentos variavam entre os extremos. Sobre ser considerado de santo a louco, Melo e Souza aponta que

A pergunta que se faz pela natureza da sua personalidade se desdobra em diversas interrogações. Quem é Antônio conselheiro? Depende da formação discursiva de quem pergunta. Todo discurso articula uma perspectiva teórica, condicionando a resposta compatível com seu esquema de inteligibilidade<sup>70</sup>

Partindo com o mesmo princípio, sobre Antônio Conselheiro assinala José Carlos Barreto de Santana:

A anticlinal, uma dobra com a convexidade voltada para cima e os flancos para baixo, é um resultado de forças tectônicas compressivas sobre as rochas. Antônio Conselheiro, como a dobra, teria se originado das forças internas à sociedade sertaneja, dela se destacando apenas em função do rebaixamento do meio que o cercava, e se destinou à história como poderia ter seguido para o hospício.<sup>71</sup>

O homem debaixo da túnica de beato será analisado por Euclides da Cunha e, segundo Melo e Souza a resposta para a pergunta *Quem é Conselheiro?* depende da formação discursiva de quem pergunta, e, também segundo ele, Euclides, possuindo um discurso *multiperspectivado*, a análise desse homem será feita de forma complexa, fugindo totalmente a um discurso linear que fatalmente levaria à polarização desse julgamento, resultando em duas possíveis figuras descritas: a do herói do sertão ou a do grande vilão nacional. Através do discurso *multiperspectivado*, Euclides consegue caracterizá-lo como ambos, visto que para ele não existe um homem do sertão, mas vários dentro de cada um, dada a sua

<sup>69</sup> BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1995. p. 61.

<sup>70</sup> MELO E SOUZA, 2009, p. 62.

<sup>71</sup> SANTANA, 1998, p.127 apud MELO E SOUZA, 2009. p. 62.

heterogeneidade, percebida somente através do rompimento efetivo com os preceitos de uma visão cartesiana do mundo. Desse modo, vê-se Euclides mudando várias vezes de ponto de vista na sua descrição de Antônio Conselheiro:

É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária – Antônio Conselheiro...

A imagem é corretíssima

Da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diástase e é uma síntese. [...] Porque ele para o historiador não foi um desequilibrado. Apareceu como integração de caracteres diferenciais – vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão, mas enérgicos e definidos, quando resumidos numa individualidade.

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condessaram no seu misticismo feroz e extravagante. Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu. [...]

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade...

Acompanhar a primeira é seguir paralelamente e com mais rapidez a segunda; acompanhar-las juntas é observar a mais completa mutualidade de influxos.

Doente grave, só lhe pode ser aplicado o conceito da paranoia, de Tanzi e Riva.

Evitada a instrução dispensável de um médico, um antropologista encontrá-lo-ia normal, marcado logicamente certo nível de mentalidade humana, recuando no tempo, fixando uma fase remota da evolução. [...]

Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco.

Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde – no meio em que agiu.

Ao contrario, este fortaleceu-o. Era o profeta, o emissário das alturas [...] tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além. [...]

Sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja. [...]

E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano, abordoado ao clássico bastão, em que se apóia o passo tardo dos peregrinos...<sup>72</sup>

A resposta dada por Euclides sobre o *enigma Antônio Conselheiro* é a abertura para o espaço de várias perguntas, dado o elenco de definições, contraditórias como o espírito humano. Assim, conclui-se que o sertanejo é, antes de tudo, um homem. É o outro para o qual se deve olhar sob as mais diversas perspectivas e que, ainda assim, não se conhecerá, de todo, de fato.

<sup>72</sup> CUNHA, 2000, p. 132-142.

## 2.2 Esse homem vai morrer

Esta cova em que estás com palmos medida  
 É a conta menor que tiraste em vida  
 É a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho nem largo nem fundo  
 É a parte que te cabe deste latifúndio  
 É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida  
 É a terra que querias ver dividida  
 É a terra que querias ver dividida

*Chico Buarque*<sup>73</sup>

A gente anda, *doutô*, tropeçando em cadáver porque os assassinos não têm nem o capricho de enterrar, o senhor já viu isso? (...) Porque esse conflito de terra *tá* acabando com o nosso povo. O pessoal da cidade reclama quando o povo sai do campo pras favelas, mas não tem ninguém que apoie, o senhor me desculpe, não tem ajuda. Na nossa cidade já tem até um canto, todo mundo sabe: esse homem vai morrer, esse homem vai morrer, esse homem vai morrer.

(Fala de personagem do filme: *Esse homem vai morrer – Um faroeste caboclo*, de Emílio Gallo)

No meio rural, cenário do presente estudo, homem e terra são tão interligados que o problema da terra é também o problema do homem. E um dos fatores que mais agrava a miséria e a violência desse lugar é a questão da concentração fundiária. O paralelo entre Brasil e Portugal - relativo às questões da terra, do homem que nela vive e da luta deste pelo direito a ela, encontra uma questão comum: o descaso dos sucessivos governos no que se refere às questões do homem do campo.

Dezessete anos após ter escrito sobre as questões relativas à terra e ao trabalho no campo português em *Levantado do Chão*, José Saramago, ao prefaciá-lo o livro *Terra* de

---

<sup>73</sup> *Funeral de um lavrador*



Sebastião Salgado, voltando-se agora para o problema fundiário brasileiro, faz notar como o latifúndio parece ser sempre o mesmo, independente do país:

A superfície do Brasil, incluindo lagos, rios e montanhas, é de 850 milhões de hectares. Mais ou menos metade desta superfície, uns 400 milhões de hectares, é geralmente considerada apropriada ao uso e ao desenvolvimento agrícolas. Ora, actualmente, apenas 60 milhões desses hectares estão a ser utilizados na cultura regular de grãos. O restante, salvo as áreas que têm vindo a ser ocupadas por explorações de pecuária extensiva (que, ao contrário do que um primeiro e apressado exame possa levar a pensar, significam na realidade, um aproveitamento insuficiente da terra), encontra-se em estado de improdutividade, de abandono, sem fruto.

Povoando dramaticamente esta paisagem e esta realidade social e económica, vagando entre o sonho e o desespero, existem 4.800.000 famílias de rurais sem terras. A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente (quantas pessoas ao todo? 15 milhões? Mais ainda?) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro havia dito: “Esta terra é minha”, e encontraram semelhantes seus bastante ingênuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, estes rodearam a terra de leis que os protegem, de policiais que os guardam, de governos que os representam e defendem, de pistoleiros pagos para matar.<sup>74</sup>

Em *Levantado do Chão*, é visto que o surgimento do latifúndio se dá da mesma maneira: baseado no poder arbitrário de uns homens sobre os outros (os primeiros mais gananciosos, os últimos ingênuos). O resultado desse processo é, segundo seus escritos, a fatal alienação daqueles que não têm direito à terra e a violenta e posteriormente desesperada, tentativa de latifundiários manterem-se como tais:

Quando Lamberto Horques Alemão subia ao eirado do seu castelo, não lhe chegavam os olhos para tanto ver. Era senhor da povoação e seu termo, dez léguas de comprido e três de largo, com franqueza e liberdade de tributo, e embora tivesse recebido o encargo de povoar a terra, não foi por seu mandado que na fonte foi a moça forçada, mas tendo assim calhado, melhor. Ele próprio, ali com sua mulher honrada e já seus filhos, haveria de espalhar semente aonde lhe aprouvesse, por gozo vagante de seu sentido, Que esta terra assim desabitada não pode estar, pois de um lado ao outo do senhorio se contam pelos dedos os lugares e pelos cabelos da cabeça os matos de brava natureza, Sabei, senhor, que estas mulheres são escuras, restos danados da mourisma, e os homens, calados e às vezes vingativos, ademais que não vos chamou el-rei nosso senhor para fecundardes e procriardes como Salomão, mas para que cuidásseis da terra e a regésseis, em modo de a ela vir gente e nela se fixar, Isso faço e farei, quanto mais me aprouver, que minha é a terra e quanto nela há, porém não hão-de as gentes ser de mais que embarcem e causem alvoroço, como já antes se viu, Tendes razão, senhor, e quanta, aprendida nessas frias terras donde viestes, onde muito mais se sabe que neste desterro ocidental do mundo, Pois que enfim comigo concordais, falemos agora dos tributos que é mister lançar nas terras de meu senhorio e alcaidaria.<sup>75</sup>

Saramago ilustra o problema da questão fundiária portuguesa por meio da saga da família Mau-Tempo, personagens ficcionais do Alentejo. Através dos membros desta família,

<sup>74</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997, p.12.

<sup>75</sup> SARAMAGO, 2009, p. 26.

o autor traça um retrato do homem do campo e o desenvolvimento deste até uma tomada de consciência a respeito de si mesmo e da luta que diariamente enfrenta. O episódio acima sinaliza as origens da concentração fundiária portuguesa. O alemão Lamberto Horques, situado no século XV, do qual descendem todos os donos de terras no Alentejo de *Levantado do Chão*, comenta a respeito da posse de suas terras e seu consequente direito sobre as pessoas que lá estão. Ao tomar à força uma mulher que tirava água ao poço, dá origem a outra linhagem, essa de um filho bastardo que no século XX serão os Mau-Tempo. O latifúndio é então formado pela apropriação de terras, fazendo poderoso o seu senhor e cada vez mais explorados os que nele precisam trabalhar. Os dois polos desse embate são os Mau-Tempo e os *bertos*<sup>76</sup>, ambos originários do mesmo homem, no princípio de tudo.

O homem da terra analisado por Saramago em *Levantado do Chão* e aquele tratado no prefácio do livro do brasileiro Sebastião Salgado possuem como forte ponto em comum a ausência total de proteção. Abandonados pelas leis, pela proteção de um poder superior, seja ele representado pelo Estado, pelo poder divino ou militar, são vítimas da própria miséria. Vê-se homens que vão morrendo, de fome e de tiro.

Baseado nas denúncias do livro de Ricardo Resende Figueira<sup>77</sup>, o filme *Esse homem vai morrer – Um faroeste caboclo*, do cineasta Emílio Gallo, serviu aqui de inspiração não só para nomear a presente seção, mas também para analisar através dos conflitos de terra presentes no sul do Pará a situação recente do homem do campo brasileiro. Da proclamação da República até os dias atuais, considera-se que a história da democracia brasileira obteve grandes avanços, porém, no que se refere à questão fundiária, vive-se ainda em tempos de muito atraso. Os projetos de estímulo à ocupação da Amazônia, que dentre outras justificativas visava diminuir os efeitos das grandes secas que assolavam o sertão nordestino, foram feitos de maneira desordenada, resultando hoje em um dos locais mais violentos do país.

---

<sup>76</sup> Todos os descendentes legítimos de Lamberto Horques, donos sucessivos do latifúndio, receberão nomes com a derivação “berto”: “De Lamberto nasceu Dagoberto, de Dagoberto nasceu Alberto, de Alberto nasceu Floriberto, e depois veio Norberto, Berto e Sigisberto, e Adalbero e Angilberto, Gilberto, Ansberto, Contraberto, que admiração é essa terem tão parecidos nomes, é o mesmo que dizer latifúndio e o dono dele”. (SARAMAGO in *Levantado do chão* apud Cerdeira da silva, p. 208)

<sup>77</sup> FIGUEIRA, Ricardo Rezende. *Rio Maria: Canto da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

As pessoas que se deslocavam para o Pará iam em busca de terra ou de emprego, encontravam em realidade um enorme clima de violência dado pelas questões de posses de terra ou do trabalho escravo.

A violência não era fruto do acaso, mas resultado de um projeto político e econômico. Sua curva coincidia com a dos grandes projetos aprovados pelo governo militar por meio da Sudam. Quanto mais recursos o governo liberava, mais avançavam os tratores que devoravam árvores, esticavam cercas e concentravam as terras, especialmente para a pecuária. E, quanto mais importante e rica era a empresa, maior a prepotência contra os trabalhadores. Os homens mais temidos, acusados de múltiplos homicídios, justamente por isso eram contratados como seus “empreiteiros” e “seguranças”. Movidos pelo lucro, protegidos pelo silêncio da imprensa e pela omissão do governo, os dirigentes dessas empresas pareciam não se preocupar com o desastre ecológico e social que provocavam. O cenário existente na área foi definido por um jornalista estrangeiro como um “faroeste sem xerife”<sup>78</sup>

Além da preocupação social, o governo militar, ao incentivar a ocupação, possuía a intenção de evitar a internacionalização da Amazônia. Para isso, além dos retirantes nordestinos, espoliados pelas secas, grupos de investidores chegaram à região com seu capital para viabilizar o processo de ocupação sob o slogan “integrar para não entregar”. Para que isso fosse feito, o governo lançou uma série de incentivos fiscais e liberação de crédito para os industriais que se fixassem na região. Grandes empresas se instalaram lá, sobretudo fora desenvolvida a pecuária, que necessitava de grandes extensões de terra para estabelecer-se. Essa política, iniciada no governo Médici, previa que quanto maior fosse a terra, maior seria a liberação de capital e incentivos fiscais. O resultado fora o caos ambiental e social. Imensas extensões de floresta foram devastadas, as populações indígenas, expulsas pelo *progresso* e as pessoas que chegavam, vindas de outros estados com promessas de riqueza fácil, eram expostas ao esquema de trabalho escravo.

Victor Nunes Leal, ao reparar a inexistência de numerosas classes médias nas cidades do interior, sobretudo no campo, aponta que “Ali o binômio ainda é representado pelo senhor da terra e seus dependentes”<sup>79</sup>. De um lado há os donos de terras – senhores do capital e muitas vezes também do poder político local – e, do outro, trabalhadores vivendo em extrema miséria. A manutenção do estado das coisas se dá através de uma constante renovação de falta de investimentos em saúde pública e de educação no meio rural. A população tem na figura dos coronéis a imagem do protetor, do padrinho, que na verdade a massacra, mas que

<sup>78</sup> FIGUEIRA, 2008, p. 19.

<sup>79</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 44.

mantém através da concessão de pequenos favores uma imagem de *benfeitor* dos pobres, por conceder o trabalho que mal garante um salário que lhes mate a fome.

Ideias marxistas, no entanto, entram no campo como uma tentativa de transformar a realidade rural. Sindicatos de trabalhadores rurais se estruturam, reivindicando os direitos trabalhistas e organizações não governamentais passam a investir num combate àquela realidade. O Movimento Sem Terra brasileiro é um bom exemplo de como a população rural passa a organizar-se em busca de melhores condições de vida, e isso significa o investimento em redistribuição de terra. Segundo Sebastiao Salgado, seria o MST uma última válvula de retenção de população no campo, porque ele aglutina as pessoas, coisa muito difícil entre uma população muito dispersa. A perspectiva é que eles fiquem no campo, que lutem pela terra, ao invés de migrarem para as grandes cidades para fugirem da pobreza.<sup>80</sup>

A realidade agrária, porém, mesmo após o surgimento dessas organizações, ainda é de muita injustiça e descaso social. Saramago, ainda em prefácio de *Terra*, aponta alguns números:

E a Reforma Agrária, a reforma da terra brasileira aproveitável, em laboriosa e acidentada gestação, alternando as esperanças e os desânimos, desde que a constituição de 1946, na sequência do movimento de redemocratização que varreu o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, acolheu o preceito do interesse social como fundamento para a desapropriação de terras? Em que ponto encontra hoje essa maravilha humanitária que haveria de assombrar o mundo, essa obra de taumaturgos tantas vezes prometida, essa bandeira de eleições, essa negaça de votos, esse engano de desesperados? Sem ir mais longe que as últimas quatro presidências da República, será suficiente lembrar que o presidente José Sarney prometeu assentar 1.400.000 famílias de trabalhadores rurais e que, decorridos os cinco anos do seu mandato, nem sequer 140.000 tinham sido instaladas; será suficiente recordar que o presidente Fernando Collor de Mello fez promessa de assentar 500.000 famílias, e nem uma só o foi; será suficiente lembrar que o presidente Itamar Franco garantiu que faria assentar 100.000, e se ficou por 20.000; será suficiente dizer, enfim, que o actual presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, estabeleceu que a Reforma irá contemplar 280.000 famílias em quatro anos, o que significará, se tão modesto objetivo for cumprido e o mesmo programa se repetir no futuro, que irão ser necessários, segundo uma operação aritmética elementar, setenta anos para assentar os quase 5.000.000 de famílias de trabalhadores rurais que precisam de terra e não a têm, terra que para eles é condição de vida, vida que já não poderá esperar mais.<sup>81</sup>

A situação do homem na terra encontra através dos apontamentos feitos até agora três níveis de complexidade. Foi visto na seção anterior o homem de Canudos retratado por Euclides da Cunha nos finais do século XIX, seguiu-se com a realidade mais recente do campo brasileiro, analisada por Saramago a propósito do trabalho fotográfico de Salgado e

<sup>80</sup> Em entrevista ao *Programa do Jô*, realizada em 1997.

<sup>81</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997, p. 12.

ainda o homem do campo português, representado em *Levantado do Chão*. O que aproxima esses homens - além das condições de vida insalubres, a miséria e muitas vezes a fome – é a necessidade de buscar na luta pela terra a garantia da sua própria subsistência. Diferente da história mais recente do campo brasileiro, o homem de Canudos e o do Alentejo não entram em confronto a princípio pela desapropriação de terra, mas pelo direito de poder trabalhar nela. O latifúndio português, com o passar das décadas, ganha personagens diferentes que fazem com que a história do posicionamento do homem em relação a terra mude. Lá as questões relativas ao campo possuem suas particularidades e para elas serão dedicadas maiores atenções nas linhas que seguem.

### 2.3 Parecem formigas, mas são homens.

Esse vazio no estômago é exatamente a insuportável ausência de peso. E, assim como um extremo pode a qualquer momento transformar-se em seu contrário, a leveza levada ao seu máximo tornou-se o terrível *peso da leveza*.

*Milan Kundera*<sup>82</sup>

Aqui do alto se vê como por travessas vão confluindo para o largo da câmara. Parecem formigas, diz uma criança herdeira imaginosa, e o pai rectifica, Parecem formigas, mas são cães, ora aqui está como tudo se compõe e explica nesta curta e clara frase (...)

*José Saramago*<sup>83</sup>

Escreveu José Saramago em *Levantado do Chão*: “Quando as dores são muito grandes, são os olhos que não suportam vê-las”<sup>84</sup>. Por isso será tomado agora por empréstimo

---

<sup>82</sup> KUNDERA, Milan. *O livro do riso e do esquecimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. Trad. Fonseca, Teresa Bulhões Carvalho da.

<sup>83</sup> SARAMAGO, 2009, p. 312.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 336.

os olhos das *formigas com cabeça de cão* que passeiam por uma sala em um dos episódios do livro para se poder percorrer os olhos no romance.

Reúnem-se os homens na praça de touros, mas a cena em questão não trata de uma tourada. Eles são os grevistas acusados pela armada e estão postos no lugar dos touros prontos para o açoite. Segundo a polícia, esses homens representam uma ameaça à propriedade e à ordem. Os “grevistas” de *Levantado do Chão* são aqueles trabalhadores considerados pela política do latifúndio como desordeiros, preguiçosos, que não respeitam as leis naturais das coisas: trabalhar e obedecer ao sistema - “trabalharás para mim de sol a sol em todos os dias da tua vida que me aprover e convenha, nos outros farás o que quiseres.”<sup>85</sup>. Essas personagens *transgressores* movimentam-se, enfim. A princípio, inocentes, vão até o patrão com esperança de que lhes ouça as reivindicações, mas, no decorrer do romance/tempo histórico, o movimento dos trabalhadores se organiza com o objetivo de conquistar alguns direitos básicos como o aumento de salário e redução na jornada de trabalho. Essa organização trabalhista é vista pelo poder como algo extremamente nocivo aos interesses do latifúndio e do Estado. Dessa forma, as maneiras de tentar reprimi-los se tornam cada vez mais incisivas e violentas.

Da praça dos touros retira-se um nome: Germano Santos Vidigal. O homem, dado como perigoso, será levado para a *hermética* sala de onde se espera que confesse seu delito e que entregue os companheiros. Esse lugar é cerrado, como seria de esperar de uma sala de tortura. Lá não se pode entrar, nem mesmo o narrador, somente as formigas. Essa alegoria usada por Saramago aparece pela primeira vez no romance testemunhando a cena. O narrador, *impedido de ver*, se guiava pelo olhar das formigas que por ali passavam no seu caminho rotineiro de trabalho: fazerem dez viagens do formigueiro até a sala em que estavam Germano Santos Vidigal e seus torturadores. As formigas tudo viam e foram as únicas testemunhas de um crime da polícia contra o homem que morrera sem ter dito palavra sequer ao interrogatório. Ora, esses mesmos que agora queriam forçá-lo a falar passaram toda uma vida ensinando-o e obrigando-o justamente ao contrário: a calar, manter-se incógnito, aceitar e acatar.

Essa cena de tortura é descrita através de uma voz narrativa que neste momento declara sua impotência diante do fato. Os movimentos da sala são revelados para o narrador no mesmo momento que para os leitores, gerando uma cumplicidade diante do ocorrido: “não

---

<sup>85</sup> SARAMAGO, 2009, p. 338.

saberemos que pensamentos são e serão o dele [do preso] agora o que é preciso é pormo-nos nós a pensar”<sup>86</sup>. Há uma curiosidade e indignação gradativas presentes nesse desenvolver de atos que colocam claramente o narrador em um posicionamento político – nessa luta, ele está do lado do trabalhador rural, não só o da sala, mas todo o qual aquele representa.

Tomando o ocorrido com Germano Santos Vidigal como uma cena metonímica para todo o romance, percebe-se que os quase cem anos de duração da narrativa podem ser associados àquelas horas em que duram a cena da tortura, bem como as 10 viagens das formigas. O tempo do romance reduzido ao tempo da sala mostrará homens que, assim como as formigas, veem o que acontece à sua volta, possuem o entendimento um pouco reduzido sobre o que de fato aquilo se trata, mas que não perdem a capacidade de se indignar, apesar da força pouca.

A obra perpassa fatos históricos importantes para Portugal como a chegada da I República em 1910, a I Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola, a ascensão da ditadura Salazarista e a Revolução dos Cravos. Todos esses momentos chegavam ao romance sob a perspectiva do homem do campo, que pouco os reconhecia ou entendia o que representavam, sabia apenas aquilo que chegava pelos jornais ou através do preço dos produtos que aumentava cada vez mais: “Os outros, se viam os preços ou faltarem até os gêneros grosseiros de sua alimentação, se perguntavam porquê, É por causa da guerra, respondiam os entendidos. Muito comia a guerra, muito a guerra enriquecia”<sup>87</sup>

O texto de Saramago promove, através da ficção, uma reorganização do elemento histórico. Dentro do romance, o diálogo com o tempo funciona como uma quebra com o discurso histórico oficial, uma vez que as noções temporais são tidas através da percepção do homem do campo, tendo-se, portanto, a visão do oprimido. Dessa maneira, a História é recontada. Chegam até o leitor informações sobre momentos importantes para Portugal, mas essas virão quase como um sussurro, inexpressivo de explicações e fundamentos, uma vez que também para o alentejano essas respostas não havia, mas, em contrapartida, os efeitos desses mesmos acontecimentos virão pesar duramente sobre sua vida e é de tais impressões que o narrador se ocupa:

Então chegou a república. ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos da metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos. A República veio despachada de Lisboa, andou de terra em terra pelo telégrafo, se o havia, recomendou-se pela imprensa, se a sabiam ler, pelo passar de boca em boca, que sempre foi o mais fácil. (...) o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar, e um litro de azeite custava mais de dois mil reis, dez vezes a jorna de um homem.

<sup>86</sup> SARAMAGO, 2009, p. 167-168.

<sup>87</sup> *Levantado do chão* apud CERDEIRA DA SILVA, p. 202.

Viva a república, Viva. Patrão, quanto é o jornal agora, Deixa ver, o que os outros pagarem, pago eu também, fala com o feitor, Então quanto é o jornal, Mais um vintém, Não chega para a minha necessidade, Se não quiseres, mais fica, não falta quem queira, ai minha santa mãe, que um homem vai rebentar de tanta fome (...)<sup>88</sup>

É visto, dessa maneira, que o tratamento dado pelo autor à história o afasta do romance histórico, muito comum no século XIX. Lá os autores utilizavam momentos pontuais do passado como plano de fundo para o desenvolvimento da ficção. Saramago, muito próximo ao conceito de *metaficção historiográfica*<sup>89</sup>, utilizará a ficção para reorganizar a História. Segundo Helena Kaufman:

A ficção histórica de Saramago, escrita depois da Revolução de 25 de abril, constitui claramente uma reação contra a visão da História imposta pelo regime Salazarista. Por um lado, a sua resposta consiste numa revisão da história pátria, focando o que estava marginalizado, registrando a História “menor” e popular.<sup>90</sup>

Como o foco narrativo da obra é voltado para o trabalhador, o leitor encontra-se diretamente envolvido pelos problemas das personagens visto ser o narrador onisciente àquele povo o qual retrata. Valendo-se dessa aproximação, todas as vivências campestres podem ser sentidas de maneira contundente pelo leitor que consegue incomodar-se com a fome das personagens, pode sentir o cansaço por que passam e ainda mais a indignação com as injustiças às quais são submetidos ao longo do romance. Sobre essa identificação considera Maria Auzira Seixo:

O relato do narrador (que não se dá na primeira pessoa narrativa mas curiosamente se trata a si próprio como “o narrador”, na terceira pessoa – o que implica desde logo um efeito de sobredistanciação em relação ao modo brechtiano de implicação do leitor) ocupa todo o século, com incursões esporádicas e fabulares pelo passado que vão até o século XV, mas detém-se sobretudo na série familiar que, em três gerações (Domingos Mau-Tempo, seu filho João e seus netos Antônio e Gracinda, esta casada com outra personagem central, Antônio Espada), vai conquistar a terra para as capacidades do seu trabalho, vai arrancar-se à vergonha das humilhações, vai preencher a fome de uma falta total.<sup>91</sup>

O narrador, no entanto, não traz em si um discurso marcado pela oposição clara entre *bem e mal*, entre *oprimido e opressor*. Apesar de manter sua posição ideológica muito bem sinalizada, não corre o risco de um radicalismo maniqueísta porque adota um discurso dialógico. Narrador e personagem entrecruzam suas falas, o homem narrado, muitas vezes, invade o discurso para, segundo Cerdeira da Silva,

<sup>88</sup> SARAMAGO, 2009, p. 33.

<sup>89</sup> Conceito de Linda Hutcheon que compreende uma nova maneira de fazer ficção histórica, reformulando o padrão tradicional do romance histórico.

<sup>90</sup> KAUFMAN, Helena. A metaficção historiográfica em José Saramago. *Revista Colóquio Letras*, Lisboa, n. 120, abr. 1991, p. 135.

<sup>91</sup> SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987. p. 39.



garantir a autenticidade do seu ponto de vista pessoal e veicular a observação dos fatos externos e da mecânica interna dos sentimentos, através do testemunho de quem vivenciou a experiência<sup>92</sup>

Ao lado do discurso dialógico, percebe-se também que Saramago constrói personagens que não são inteiramente bons ou maus. Após o assassinato de Germano Santos Vidigal naquela sala, os torturadores, Escarro e Escarrilho, forjam o suicídio do preso. O médico é obrigado a atestar o óbito conforme a PIDE<sup>93</sup> ordena. Assim o faz, tornando-se também mais um assassino do preso e ao mesmo tempo, vítima do regime opressor de Salazar.

Mas olhe lá, doutor Romano delegado de saúde (...) olhe lá e diga-me se não viu o corpo do homem, se não viu os vergões, as nodoas negras, o aparelho genital rebentado, o sangue, Isso não vi, disseram-me que o preso se tinha enforcado e enforcado estava, não havia mais que ver, Será mentiroso, Romano doutor e delegado de saúde, ganhou como e para quê, e desde quando, esse feio hábito de mentir. Não sou mentiroso, mas a verdade não posso dizer, Por quê, Por medo, Vá em paz, doutor Pilatos, durma em paz com a sua consciência, fornique-a bem, que ela bem os merece a si e à fornicção, Adeus, senhor autor, Adeus senhor doutor (...)<sup>94</sup>

Nesse longo período de tempo discursivo acompanhando da família Mau-Tempo, através do decorrer de gerações, toda a rotina no latifúndio é retratada. As duras e massacrantes jornadas de trabalho só não causam mais desespero que a falta de serviço. E, quando resolvem se queixar ou rebelar-se contra as regras do latifúndio, a visão que os senhores de terra têm é a de que os camponeses são preguiçosos ou arruaceiros revoltosos.

Os membros dessa família, conforme o passar das gerações, vão ganhando um nível de esclarecimento que podem ser diretamente relacionados ao estágio político em que vive o país. Domingos Mau-Tempo e sua esposa Sara da Conceição pertencem à primeira geração de que trata o romance. Ele, um homem inquieto e errante, carrega a sina do nome vagando de cidade em cidade. Ela, submissa e calada, vê a degradação dos móveis a cada mudança e a do próprio marido. No início do século XX, eles representam o que Cerdeira da Silva chama de *tempo do silêncio*<sup>95</sup> em *Levantado do Chão*. Nesse momento, as personagens assistem à chegada da República, mas seus olhares estão muito voltados para os próprios conflitos familiares.

<sup>92</sup> CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 250.

<sup>93</sup> Polícia Internacional e de Defesa do Estado, criada por António de Oliveira Salazar a partir da instituição do Estado Novo, com o fim de condicionar, controlar ou eliminar as manifestações de opinião e impedir a organização política das forças que se lhe opunham.

<sup>94</sup> SARAMAGO, 2009. p. 177.

<sup>95</sup> Cf. CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 231-261.

De Domingos e Sara, nascem João, Antônio e Gracinda. A chegada dessas personagens à fase adulta inaugura o que Cerdeira da Silva chama de *tempo das perguntas*<sup>96</sup>. É a partir dos questionamentos feitos por João Mau-tempo que se vê um novo momento no latifúndio, ao lado dele estão sua esposa, Faustina, os irmãos, Antônio e Gracinda, e o cunhado, Manuel Espada. Essas personagens vivenciam tempos de extremada repressão. Historicamente, vive-se sob os mandos da ditadura salazarista e será visto através das atitudes das personagens, e das consequências delas sobre eles, os efeitos do regime sobre o homem do campo.

Após o tempo dos questionamentos é chegado o tempo de uma resposta possível<sup>97</sup>, representado com o nascimento de Maria Adelaide, filha de Manuel Espada e Gracinda Mau-Tempo. A luta pela terra e pelos direitos trabalhistas simboliza a resposta para os problemas do campo. *Levantado do Chão* encerra-se com a promessa da Revolução de Abril, “Este sol é de justiça”<sup>98</sup> e Maria Adelaide, a última personagem da saga, é uma jovem militante, totalmente diferente da primeira mulher de sua família.

Embora sejam todas as personagens pertencentes à ficção de Saramago, pode-se dizer que são também personagens históricos, uma vez que representam todo o trabalhador rural português durante aquele período do romance. Quando o autor escreveu na contracapa do livro que seu sonho era dizer sobre o *Levantado do Chão* “Isto é o Alentejo”, sabia que dentro dele havia uma terra e sobretudo homens reais lutando por ela.

Esse homem descrito por José Saramago por vezes lembra aquele narrado por Euclides da Cunha em *Os sertões*. Assim como o sertanejo, um Hércules-Quasimodo, o alentejano também apresenta ares dicotômicos. Enquanto por vezes aparece extremamente fraco pelo cansaço e escassez de alimento, preserva força para ir em busca de manter-se e alimentar sua família. Utiliza-se aqui a emblemática cena em que a personagem João Mau-Tempo encontra-se a trabalhar no Vale de Cães. Nessa passagem, o narrador conduz o leitor a pensar sobre a questão da inocência camponesa, no momento em que o capataz propõe uma brincadeira entre eles. Com a intenção de fazer os homens andarem mais rápido de Monte Lavre, local onde vivem, até o Vale dos cães, onde precisam trabalhar, o feitor, maliciosamente, lança uma competição: uma corrida de uma cidade a outra para ver quem chegaria primeiro. A maioria dos homens embarca no desafio a fim de mostrar valentia, força, hombridade.

<sup>96</sup> CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 231-261.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 258.

<sup>98</sup> SARAMAGO, 2009, p. 319.

Se chegar em primeiro é almejado por muitos, ser o último é o medo de todos, pois isso significa ser fraco, e o homem de verdade, na concepção das personagens, não pode suportar o peso de ser a chacota dos outros. *Porém, sempre haverá um último*, e aconteceu que essa foi a vez de João Mau-Tempo, acusado, então, de “pouca pressa nas pernas, não és homem nem és nada”<sup>99</sup>. Na tentativa de compensar a mancha que obteve naquele dia, o último põe-se a ser o primeiro a carregar:

é preciso provar aos camaradas que és tão homem como eles, e além disso não podes ficar sem trabalho a semana que vem, tens os filhos e então dois levantam o pau (...) e põem-to em cima dos ombros (...) e quando sentes a carga vão-se-te os joelhos, mas fincas os dentes, retesas os rins e aos poucos vais-te aprumando (...) <sup>100</sup>

O homem vale-se de forças que vão além das físicas, com palavras do narrador, é o espírito que concede ao corpo a capacidade de suportar peso tão imenso. A lógica vista nesse ato é que para esse homem, a que falta tudo, ainda resta algo que esse não pode deixar esvair-se: a sua dignidade. Outra vez, acompanha-se o próprio João Mau-Tempo sentir sua dignidade atingida, fora em outro episódio, quando o patrão convocou os empregados a fazerem número em um comício. A personagem sente um amargor por tomar consciência de estar sendo usado pelo dono do latifúndio. O estado de apatia que prova por ter que ceder aos mandos do patrão torna-se notável e penalizante.

Mais um ato denunciador da força do fraco homem é vista em outra personagem, o Manuel Espada. Depois de um grupo de trabalhadores terem sido presos e expostos a humilhações por serem acusados de grevistas, foram soltos por intervenção da Igreja, sob a figura do padre Agamedes. Para posicionarem-se como a boa mãe pátria, estes que a representam (Estado e latifúndio) mandaram um carro para buscar os *ex-presos* e os levarem à cidade. Manuel Espada, por não querer dever favor àqueles que há poucos momentos o humilharam, segue o caminho de longos quilômetros a pé.

“Grandes declamações se fazem desde há dois mil anos por ter levado Cristo a cruz ao Gólgota, e com ajudas do Cireneu, e deste crucificado que aqui vai ninguém fala, ele que mal ceou ontem e quase nada comeu hoje”<sup>101</sup> (LC, p. 76). Aqui o narrador fala especificamente para João Mau-Tempo, ainda sobre o episódio em que esse carrega a tora de madeira para provar que é um valente, mas poderia estar falando para Manuel Espada, ou qualquer outro. A

---

<sup>99</sup> SARAMAGO, 2009, p. 75.

<sup>100</sup> Ibidem.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 72

denúncia feita nesse momento é sobre esses homens sem voz, visto que as que possuem são constantemente silenciadas pela opressão ou pela ignorância.

“A grande e decisiva arma é a ignorância. É bom (...) que eles nada saibam, nem ler, nem escrever (...)”. Em um primeiro momento, as personagens do romance permanecem em um estado de alienação, não possuem pensamentos perceptivos sobre as injustiças que sofrem. A partir de um movimento de tomada de consciência, surgem as revoltas, o movimento de luta, que passa a ser altamente combatido com prisões e as mais variadas formas de violência para a repressão. São homens, portanto, forçados a calarem-se.

Esse posicionamento do autor revela o caráter inequivocamente político do romance, que aparece não apenas por falar de política, mas por tentar (e conseguir) enxergar o outro, aquele que é diferente de nós: “O romance mais político (...) é aquele que tenta ver tudo e entender a todos, construir o todo mais amplo. Assim, o romance que consegue realizar essa tarefa impossível tem o centro mais profundo”<sup>102</sup>. Em *Levantado do Chão*, o tom denunciador do autor faz chegar aos ouvidos do mundo uma voz local, normalmente presa nos limites da cerca, do homem da terra, mas que, sem ela, se torna cada vez menos homem. Sobre seu romance, Saramago declara:

Acho que do chão se levanta tudo, até nós nos levantamos. E sendo o livro como é - um livro sobre o Alentejo - e querendo eu contar a situação de uma parte da nossa população, num tempo relativamente dilatado, o que vi foi todo o esforço dessa gente de cujas vidas eu ia tentar falar é no fundo o de alguém que pretende levantar-se. Quer dizer: toda a opressão económica e social que tem caracterizado a vida do Alentejo, a relação entre o latifúndio e quem para ele trabalha, sempre foi - pelo menos do meu ponto de vista - uma relação de opressão. A opressão é, por definição, esmagadora, tende a baixar, a calcar. O movimento que reage a isto é o movimento de levantar: levantar o peso que nos esmaga, que nos domina. Portanto, o livro chama-se *Levantado do Chão* porque, no fundo, levantam-se os homens do chão, levantam-se as searas, é no chão que semeamos, é no chão que nascem as árvores e até do chão se pode levantar um livro.<sup>103</sup>

Os homens do campo em Monte Lavre<sup>104</sup> são *formigas com cabeça de cão*: veem cenas de torturas, têm seus familiares levados pela polícia, mas não podem falar porque não têm voz. Assim como as formigas, o homem não a tem, sua voz não chega à capital, não há quem ouça. Dessa maneira, “sobre esses casos hão de passar os anos e há de pesar o silêncio até que as formigas tomem o dom da palavra e digam a verdade e só a verdade”<sup>105</sup>. Mas passado o momento do silêncio e o do questionamento, os homens começam a se levantar para a luta e “de tudo isso mais tarde se farão longas conversas no formigueiro para ilustração

<sup>102</sup> PAMUK, 2011, p. 105.

<sup>103</sup> SARAMAGO, José. Não uso literatura como política. *Jornal Tempo*, [S.l.], nov. 1981.

<sup>104</sup> Espaço do romance *Levantado do Chão*

<sup>105</sup> SARAMAGO, 2009, p. 176.

das gerações futuras, que aos novos é útil saberem o que vai pelo mundo”<sup>106</sup> – para se entender que “a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”<sup>107</sup>.

---

<sup>106</sup> SARAMAGO, 2009, p. 169.

<sup>107</sup> KUNDERA, 2009, p. 120.

### 3 LUTA

La vida no vale nada  
 si no es para perecer  
 porque otros puedan tener  
 lo que uno disfruta y ama.  
 La vida no vale nada  
 si yo me quedo sentado  
 después que he visto y soñado  
 que en todas partes me llaman.  
 La vida no vale nada  
 cuando otros se están matando  
 y yo sigo aquí cantando  
 cual si no pasara nada.  
 (...)

La vida no vale nada  
 si cuatro caen por minuto  
 y al final por el abuso  
 se decide la jornada.  
 (...)

La vida no vale nada  
 si en fin lo que me rodea  
 no puedo cambiar qual fuera  
 lo que tengo y me ampara.

*Pablo Milanés*

A vida não vale nada: eis a visão do latifúndio.

Toda a população da cidade de Canudos morta pelo exército brasileiro nos finais do século XIX, os trabalhadores rurais recebidos a tiros no Alentejo nas frequentes investidas por melhores condições de trabalho durante os anos de repressão portuguesa e todos os militantes marcados para morrer até hoje a mando de fazendeiros no sul do Pará mostram que, para os senhores de terra, realmente, a vida, do *outro*, não vale nada.

Mas o que leva o latifúndio a voltar-se, amparado pela lei e pelo Estado, contra esses homens é justamente o levante deles contra o conformismo que os fazia permanecer morrendo de fome, subjugados na miséria e sem liberdade, ou seja, a luta deles pela vida.

Sobre como essa luta nasce e se desenvolve nos dois romances aqui analisados é o que trata o presente capítulo. Além disso, será mostrado como também o escritor faz parte deste *levantar do chão*, uma vez que sua batalha, feita com palavras, é uma luta contra a opressão.

### 3.1 O papel do escritor e a literatura marxista.

Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.

*Carlos Drummond de Andrade*

(...)  
E sobra muito pra depois ter que enterrar  
E a caixa colorida e elétrica insiste  
Pra eu comprar, comprar, comprar

Ciranda, louca ciranda  
Ciranda do fim do mundo  
Eu sigo seu rastro me encaixo  
Mas não me acostumo.  
Ciranda, louca ciranda  
No espaço sempre a rodar  
Encaixo, ciranda, mas  
Não quero me acostumar

*Anderson Cunha e Sertânia*

Entre os finais dos anos 30 e 50 do século XX, desenvolveu-se em Portugal um movimento caracterizado por um modelo de articulação entre referências históricas e os cenários sociais contemporâneos. O Neo-Realismo português - inserido num período em que se vivia, por um lado os tempos de intensa repressão salazarista, mas de outro um momento de enorme interesse sobre toda a produção ideológica e cultural do Marxismo – representou para a criação literária uma projeção

da dialética das transformações sociais e em particular da luta de classes, num quadro económico-social capitalista, uma denúncia das contradições que afetavam esse cenário económico-social: a exploração do homem pelo homem, a luta pela posse de terra, a sobrevivência de mecanismos de exploração quase feudais.<sup>108</sup>

Dessa maneira, seguindo os ideais marxistas, os textos continham um tom de insatisfação a respeito do momento histórico-político em que o país se encontrava. Os versos a seguir, de José Saramago, publicado em *Poemas possíveis* (1966), revelam a sua posição contra a política da “boca fechada”:

Não direi:  
Que o silêncio me sufoca e amordaça.  
Calado estou, calado ficarei,  
Pois que a língua que falo é doutra raça.

(...)  
Só direi,  
Crispadamente recolhido e mudo,  
Que quem cala quanto me calei  
Não poderá morrer sem dizer tudo.<sup>109</sup>

O eu lírico na primeira estrofe utiliza o recurso da denegação ao dizer que ficará calado para, logo em seguida, e ao longo de todo o poema, dizer exatamente o que havia prometido não dizer. E, ao fim, realiza uma promessa, ao mesmo tempo individual e coletiva, de engajamento político.

Em consequência da Revolução de 25 de abril de 1974, que marcou o fim da ditadura, houve uma abertura de temas dada à maior liberdade de expressão conferida após a queda do regime. Alguns críticos consideram, no entanto, que apesar das mudanças no cenário político, a produção literária portuguesa não sofreu grandes transformações.<sup>110</sup> Diz-se que o chamado *pós-modernismo* pode ser considerado em alguns autores como uma espécie de “refinamento”

<sup>108</sup> REIS, Carlos. *História crítica da literatura portuguesa – do neo-realismo ao post-modernismo*. Editorial Verbo: Lisboa, 1989. p. 16

<sup>109</sup> SARAMAGO, José. Não uso literatura como política. *Jornal Tempo*, [S.l.], nov. 1981.

<sup>110</sup> Cf. REIS, 1989.



de suas produções ficcionais desenvolvidas durante o período anterior. Nesse sentido, José Saramago vem a ser um importante nome dentro deste quadro que carrega as reminiscências do Neorrealismo e a ideologia do compromisso<sup>111</sup>.

Como uma espiga de milho, ou uma ave, uma bandeira, do chão também se pode levantar um livro, escreve Saramago no pórtico do seu romance sobre o Alentejo. Levantar pressupõe um movimento, uma resistência contra o que oprime, rebaixa e serviliza. “Um livro que se levanta do chão como uma bandeira é a literatura como uma forma de resistência.”<sup>112</sup>

Separados por quase um século, José Saramago e Euclides da Cunha são unidos neste estudo por apresentarem em seus romances uma *reescritura* da história de seus países. Embora não tivesse nenhuma formação marxista, impossibilitada até mesmo pelo tempo, Euclides conta a guerra de Canudos sob diversas perspectivas e uma delas é a do oprimido. Ao fazer isso, se compromete com o tom engajado de sua narrativa e sobre sua própria obra confere o título de “o livro vingador”, à medida que revela para o Brasil o erro que foram as investidas do exército contra os habitantes de Canudos. Por isso é permitido observar a *luta* contida na obra euclidiana sob a perspectiva de alguns teóricos marxistas.

Dentre as correntes teóricas desenvolvidas entre os séculos XIX e XX, é fundamental salientar a importância que tem o pensamento marxista na formação da crítica literária. A influência do marxismo não se restringe, evidentemente, ao campo literário, é uma filosofia que revoluciona todo o sistema de pensamento e em boa parte o sistema de produção do século XX.

Marx pensa a sociedade a partir da reflexão entre a luta de classes, no recorrente embate entre opressores e oprimidos que se estende ao longo da história. A partir deste pensamento, mostra como foi formada a sociedade burguesa atual e como esta passou de classe dominada a dominante, exercendo, agora no poder, um dos sistemas mais severos de opressão já criados, o capitalismo.

Em nome do capital, os mecanismos de produção tornaram-se excessivamente agressivos. No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels sinalizam o quadro que decorre desse rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e do constante progresso

---

<sup>111</sup> Evidente em obras que buscam uma outra versão da história oficial, tal como vemos em *Levantado do chão*, *Memorial do convento* e *História do cerco de Lisboa*.

<sup>112</sup> OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. *A Saga José Saramago II*. Disponível em: <<http://graduacao.cederj.edu.br/ava/course/view.php?id=824&section=14>>.

dos meios de comunicação: a burguesia arrasta todos para a chamada civilização, os preços baixos dos produtos fabricados por ela são armas pesadas contra os concorrentes, obrigando todos a adotarem o modo burguês de produção, constringendo-os a *civilizarem-se*, ou seja, a tornarem-se burgueses.

Ainda dentro do *Manifesto*, os autores observam como a burguesia submeteu o campo à cidade. Foram criados grandes centros urbanos onde a população aumentou vertiginosamente em relação à do meio rural. A vida na cidade é vendida como confortável, *civilizada*, em contrapartida pesa sobre o campo o papel de proporcionar aos homens uma vida embrutecida.

Com a população aglomerada, os meios de produção centralizados e as propriedades concentradas em poucas mãos, a sociedade encontra-se num paradoxal estado de barbárie em que a fome e a miséria a que são submetidos aqueles que estão na base deste sistema é provocada justamente pelo excesso de civilização, pela demasiada indústria, pelo demasiado comércio. Benjamin considera que a essência do capitalismo é semelhante a um movimento religioso, mas uma religião sem dogma:

O capitalismo é uma pura religião de culto, talvez a mais extrema que alguma vez existiu. Nele, tudo tem apenas significado numa relação direta com o culto, não conhece uma dogmática específica, não tem uma teologia. É nesse ponto de vista que o utilitarismo adquire a sua tonalidade religiosa. (...) O capitalismo é provavelmente o primeiro caso de um culto que não redime, mas deixa um sentimento de culpa.<sup>113</sup>

A Revolução do proletariado, massa que vende seu trabalho dentro do sistema capitalista em troca de valores cada vez mais baixos, seria, segundo o marxismo, a solução para verdadeira mudança do estado de coisas em que se encontra a sociedade moderna. Somente com a destruição da classe burguesa haveria possibilidade de viver sem a exploração de uns pelos outros. A convocação feita ao proletariado, no entanto, depende da quebra de um conceito muito utilizado por Marx em sua literatura, o da *ideologia*. Ela seria “uma elaboração intelectual sobre a realidade”<sup>114</sup>, feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade que “explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe dominante e é consequentemente incorporada pelo senso comum social”<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. Fragmentos (filosofia da História e política). In: \_\_\_\_\_. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autentica, 2012. p. 35.

<sup>114</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 175.

<sup>115</sup> *Ibidem*.

Um exemplo de como o senso comum trabalha a favor da *ideologia*, dado por Marilena Chauí em *Convite à Filosofia*, “aparece no caso da ‘explicação’ da pobreza, em que o pobre é pobre por sua própria culpa (preguiça, ignorância) ou por vontade divina ou por inferioridade natural”<sup>116</sup>, dessa maneira “o ponto de vista, as opiniões e as ideias de uma das classes sociais – a dominante e dirigente – tornam-se o ponto de vista e a opinião de toda a sociedade”<sup>117</sup>. Somente quando libertos da alienação social, o proletariado enfim lutaria contra a ideologia dominante, atingindo o ponto em que Marx acredita ser o da quebra da opressão e do *status quo*.

Um modo de enxergar a literatura pelo viés marxista se vale do fato de se poder debater as relações que o texto literário vem a ter com as questões políticas e históricas que o envolvem. Mikhail Bakhtin, pensador de uma formação marxista muito sólida, fundamenta a proposta de uma análise do literário baseado no conceito de ideologia e de que a literatura se insere dentro do campo cultural. As condições ideológicas de produção do texto literário geram um pensamento e uma forma literária, sobretudo. Terry Eagleton acrescenta:

A crítica marxista faz parte de um conjunto mais amplo de análises teóricas que tem como objetivo entender *ideologias* – as ideias, os valores e os sentimentos por meio dos quais os homens vivem e concebem a sociedade em diversas épocas. E algumas dessas ideias, valores e sentimentos só se tornam disponíveis a nós na literatura. Entender ideologias significa entender tanto o passado quanto o presente de modo mais profundo; e tal entendimento contribui para a nossa libertação.<sup>118</sup>

Nesse sentido, somente quando os homens de Monte Lavre no romance de Saramago tomam consciência da necessidade de mudanças é que o movimento para a luta acontece. Levantam-se, então, contra a ideologia do latifúndio. Da mesma maneira os sertanejos de Euclides da Cunha, pretendendo um modo de vida que não fosse a miséria a que o sistema político da época os impunha, criaram uma cidade que era regida por leis próprias, muito próximas a de uma comunidade socialista. As obras retratam o levante de duas sociedades oprimidas contra a lei natural das coisas e os autores, por concederem voz aos historicamente silenciados durante os anos, cumprem o seu papel de romper com discurso oficialmente aceito e estimulado pelo poder.

---

<sup>116</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 175

<sup>117</sup> Idem, p. 175-176.

<sup>118</sup> EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. p. 10.

### 3.2 O que move os homens – De *Belo Monte* a *Monte Lavre*

É inútil mesmo chorar  
 “Se chorarmos aceitamos,  
 é preciso não aceitar”  
 por todos os que tombam pela verdade  
 ou que julgam tombar.  
 O importante neles é já sentir a vontade  
 de lutar por ela.  
 Por isso é inútil chorar.  
 Ao menos se as lágrimas  
 dessem pão,  
 já não haveria fome.  
 Ao menos se o desespero vazio  
 das nossas vidas  
 desse campos de trigo...  
 Mas o que importa é não chorar.  
 “Se chorarmos aceitamos,  
 é preciso não aceitar”  
 Mesmo quando já não se sinta calor  
 é bom pensar que há fogueiras  
 e que a dor também ilumina  
 Que cada um de nós  
 lance a lenha que tiver,  
 mas que não chore  
 embora tenha frio.  
 “Se choramos aceitamos,  
 é preciso não aceitar”

*Antônio Cardoso*

Muito têm ensinado aos homens as histórias passadas durante gerações através da tradição oral. Especialmente em regiões em que não há acesso às condições para o letramento, como é o caso do sertão da Bahia e o Alentejo em Portugal. Segundo alguns mitos muito antigos, existe dentro das pessoas uma força *selvática* que, quando despertada, as põe em movimento. É esse espírito que faz com que os homens se indignem diante da injustiça. Essa *alma selvagem*, estudada pela psicanálise jungana, é tratada como um arquétipo especialmente ligado ao feminino.<sup>119</sup>

<sup>119</sup> Cf. Clarissa Estés Pinkola, *Mulheres que correm com os lobos*.

A teoria marxista dá outro tratamento a essa força que move os homens. Baseado nas relações históricas e sociais, o que retira uma dada comunidade do estado de sonolência e a desperta para a luta é o rompimento com a alienação em que a classe dominante a coloca. Esse despertar parece comum e recorrente na história.

A luta pela terra é o que move os homens, nos sertões brasileiros e nos campos portugueses.

### 3.2.1 A Campanha de Canudos

O sertão vai virar mar, dá no coração  
O medo que algum dia o mar também vire sertão.

*Sá e Guarabira*

“Como imaginar o movimento sem terra hoje sem o exemplo da resistência coletiva dos quilombos ou de Canudos”

Do site oficial do MST<sup>120</sup>

Numa espécie de fim apocalíptico, a cidade de Canudos foi destruída confirmando a profecia de Antônio Conselheiro, que dizia que o Sertão viraria mar. Após a última expedição do exército brasileiro contra os combatentes sertanejos, toda a cidade foi incendiada. Anos depois, com a intenção da construção de um açude, as ruínas de Canudos foram alagadas, cumprindo-se a promessa dos tempos de Conselheiro, fez-se “mar” no sertão. A extinção de toda uma cidade ocorreu por ter sido considerada uma ameaça à ordem do Estado, dessa maneira, a força armada foi levada até os sertões do país para combater aqueles flagelados transgressores.

O Nordeste brasileiro, no final do século XIX, passava por uma situação precária: fome, seca, miséria, violência e abandono político afetavam o povo. Convivia-se com o declínio da produção açucareira e com secas constantes - na grande seca de 1877 a 1880, só

<sup>120</sup> Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/7702>>.

em Fortaleza, se perderam 64.000 vidas. Naquele tempo, a expectativa de vida do sertanejo era de 27 anos de idade, homem que estava condenado a viver à margem da riqueza das regiões de lavoura de exportação (como açúcar, tabaco ou cacau). A economia de subsistência também era excludente, uma vez que apenas 1% da população rural tinha algum tipo de propriedade, pois o poder se concentrava nas mãos de coronéis, empobrecidos, mas ainda assim poderosos.

Em 1891, a Constituição, ao transferir os impostos de exportação do governo central para os estaduais, jogou na miséria os Estados mais decadentes, que passaram a aumentar as taxas internas, pressionando ainda mais os pobres. Nesse contexto surgiram, a partir da população, algumas tentativas de organização de grupos de revolta, um exemplo notável fora a campanha de Canudos.

Em torno da região do Belo Monte, um grupo de pessoas, guiadas pelo beato Antônio Conselheiro, criaram uma comunidade como uma tentativa de fuga das leis do Estado. O lugar logo se tornou famoso nas redondezas, acreditava-se que lá:

"Era um lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito".<sup>121</sup>

A população de Canudos era formada por sertanejos, ex-escravos, pequenos proprietários pobres, homens e mulheres perseguidos por coronéis ou pela política. A cidade de Antônio Conselheiro, levantada perto do Rio Vaza-Barris, chegou a ter uma população de 15.000 a 25.000 pessoas, só perdendo na Bahia para Salvador, que em 1897 contava 180.000 habitantes.

A população vivia num sistema comunitário em que o trabalho e o fruto dele eram repartidos. O que restava da produção era vendido ou trocado com povoados vizinhos. Em Canudos, a população era isenta da cobrança de impostos; não havia patrão nem polícia. Falava-se em toda a região que em Belo Monte "corriam rios de leite e as barrancas eram de cuscuz".<sup>122</sup>

Com o passar do tempo, as ideias iniciais de Conselheiro foram sendo usadas como modo de justificar roubos e pilhagens, que em nada se pareciam com nenhum tipo de ensinamento religioso, já que o líder do Arraial do Belo Monte proibia com severidade atos como esses. Historiadores identificam neste fato a "mão" do poder republicano central, que teria espalhado o boato dos saques a fim de debilitar a revolta e justificar o combate.

---

<sup>121</sup> CUNHA, 2000, p. 155.

<sup>122</sup> Da tradição popular, verso recorrente na literatura de cordel sobre *Os sertões*, Antônio Conselheiro e Canudos.

Políticos, latifundiários e coronéis não estavam satisfeitos com a organização e os ideais de Canudos, por isso, construiu-se em torno de Antônio Conselheiro e seus seguidores uma imagem equivocada de que todos eram "perigosos monarquistas" que lutavam pela derrota da república recém-proclamada.

O governo da Bahia já não conseguia, por si só, segurar a grande revolta que acontecia em seu Estado e precisou da interferência da República, que também encontrou muitas dificuldades para conter a população. Nas primeiras expedições, as tropas do exército foram derrotadas pelo povoado.

Somente no quarto combate, quando as forças republicanas já estavam bem mais equipadas e organizadas, os sertanejos foram vencidos. O massacre foi tamanho que não escaparam idosos, mulheres ou crianças. Os habitantes foram vítimas da degola numa batalha em que não houve prisioneiros de guerra e que só terminou quando o último resistente foi morto.

Relembrar a Guerra de Canudos significa mostrar o secular descaso dos governantes com relação aos grandes problemas sociais do país. A violência oficial foi usada muitas vezes em exagero, na tentativa de calar os manifestantes. E essa chegou, pela primeira vez, à porção civilizada do país que acompanhou pela imprensa o dia-a-dia de uma campanha, transmitido pelo telégrafo, a 12 jornais do Rio e de São Paulo.

As notícias da guerra chegavam, mas foi através da obra literária que essa se tornou imortalizada, como explicita Walnice Nogueira:

O papel de Euclides da Cunha na construção da memória da Guerra de Canudos é fundador. *Os sertões* narra a conversão de Euclides, que foi para lá levar a civilização e o progresso e, quando viu, estava levando o massacre dos pobres; o livro fez por uma insurreição popular o que nenhum outro foi capaz de fazer no país: alçou-a a tragédia paradigmática, mediante o louvor à coragem do sertanejo.<sup>123</sup>

Cem anos depois, vê-se a história sendo repetida. O massacre de Eldorado de Carajás, ocorrido no dia 17 de abril de 1996, traz à memória aquela guerra presente nos escritos de Euclides da Cunha. Trabalhadores rurais que protestavam contra o atraso no processo de expropriação de terras, necessário para a reforma agrária, foram recebidos por 155 policiais militares "armados de espingardas e metralhadoras"<sup>124</sup>. Naquele dia, 19 foram os mortos e dezenas foram os feridos por uma operação que visava conter uma manifestação até então pacífica. Os trabalhadores sem terra haviam fechado uma estrada que, antes da chegada da

<sup>123</sup>NOGUEIRA, Walnice apud ROSSO, Mauro. "Os sertões": contemporâneo da posteridade. In: OVERMUNDO. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/os-sertoos-contemporaneo-da-posteridade>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>124</sup>Saramago em prefácio de SALGADO, 1997, p. 11.

polícia, já havia sido aberta pelos próprios. Porém, assim como em Canudos, são os agressores os responsáveis por julgarem a justiça de seus próprios atos.<sup>125</sup> Até hoje, quase dezoito anos após o massacre, muito dos criminosos ainda estão impunes. Dos 155 policiais indiciados, apenas os comandantes da ação, o coronel Pantoja e José Maria de Oliveira, cumprem pena. Isso depois de longos anos de liberdade, alegando legítima defesa, e ainda processam três dos trabalhadores “por desacato, lesões e detenção ilegal de armas”.<sup>126</sup>

Então, Deus compreendeu que nunca tivera, verdadeiramente, no mundo que julgara ser seu, o lugar de majestade que havia imaginado, que tudo fora, afinal, uma ilusão, que também ele tinha sido vítima de enganos, como aqueles de que se estavam queixando as mulheres, os homens e as crianças, e, humilhado, retirou-se para a eternidade. A penúltima imagem que ainda viu foi a de espingardas apontadas à multidão, o penúltimo som que ainda ouviu foi o dos disparos, mas na última imagem já havia corpos caídos sangrando, e o último som estava cheio de gritos e de lágrimas.<sup>127</sup>

### 3.2.2 *Levantando do chão*

Onde o mar se acabou e a terra espera.

*José Saramago*<sup>128</sup>

Areia, areia  
 Areia, areia do mar  
 Ô meu persoá  
 Escuta o que eu vou falar  
 Ai, antes dieu morrê  
 Vem outro em meu lugar.

Cantiga popular do Recôncavo Baiano

A imagem do mar também aparece em *Levantado do Chão*: “O latifúndio é o mar interior”. José Saramago, ao voltar-se para a terra, sinaliza que o país, que sempre estivera muito ocupado com as questões expansionistas, com os olhos sempre voltados para o mar,

<sup>125</sup> Cf. NEPOMUCENO, Eric. *O Massacre - Eldorado dos Carajás*: uma história de impunidade. São Paulo: Ed. Planeta, 2007.

<sup>126</sup> Saramago em prefácio de SALGADO, 1997, p. 11.

<sup>127</sup> *Ibidem*.

<sup>128</sup> SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho, [1998?].



deixara de perceber aquela *gente miúda* do campo. Cumpriu-se o mar, era vez de se cumprir a terra. O projeto político que deveria agora ser prioridade eram as questões das terras portuguesas.

Em *Levantado do chão*, encontra-se a terceira batalha do presente capítulo, a tida no vinte e três de junho, sobre a qual narrador aconselha: “fixai bem a data na memória, meus meninos, ainda que muitas outras exornem a história do latifúndio”<sup>129</sup>. A exemplo das ocorridas no Brasil (Canudos e Eldorado dos Carajás), vê-se balas de metralhadoras lançadas por militares da guarda contra homens que protestavam por seus direitos. Aqui, os trabalhadores organizaram um protesto para pedirem trabalho e foram recebidos com uma sanguinária e incompreensível cena de guerra. Enquanto a pólvora cortava o céu em busca das suas vítimas, essas, em desigual condição, levantavam pedras do chão em uma tentativa de defesa.

Durante o romance, várias cenas em que o homem do campo se ergue em prol dos desmandos dos senhores foram mostradas. As variações nos níveis de consciência do trabalhador rural tendem à elevação gradual de envolvimento com a luta no decorrer do tempo narrativo e percebe-se que, nos últimos capítulos do livro, os homens, representados pela família Mau-Tempo e seus mais próximos amigos já atingiram uma total ciência sobre seus direitos e necessidade de combater os desmandos do governo e dos senhores da terra. Diz Sigismundo Canastro, o “mais velho de vida e de experiência”<sup>130</sup> do lado dos camponeses:

O diabo não existe, não faz contratos, isso de jurar e prometer é falar vão, o que o trabalho não consegue, nada consegue, e agora o trabalho é ir a Montemor na segunda-feira, de todo o lado irá pessoal.

São formosas essas noites de Junho. Se lua tem, desde o alto de Monte Lavre vê-se o mundo todo, faz de conta, não somos assim tão ignorantes que não saibamos que o mundo é muito maior do que isto<sup>131</sup>

O trabalho era ir até Montemor, desta vez a caminhada se daria por motivo diferente, embora fosse o tempo de ceifar e “até ignorantes homens da cidade [vissem] claramente visto que o tempo chegou e já está passando”<sup>132</sup>, os ceifeiros e as máquinas não entravam no campo. Diz o narrador, “A história das searas repete-se com variantes. Neste caso de agora, não a é andarem os homens naquele alvoroço de pedirem salário maior.”<sup>133</sup> Como retaliação contra o levante popular, especialmente contagiada pela “demissão” de Salazar, o latifúndio,

<sup>129</sup> SARAMAGO, 2009, p. 314.

<sup>130</sup> Ibidem, p. 308.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 308-309.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 303.

<sup>133</sup> Ibidem, p. 304.

aqui representado pela voz do senhor Norberto, declara que convém pôr-se vigilante, “e a primeira acção é dar um ensino a esses vagabundos, nenhum pé de trigo será ceifado esse ano, Para aprenderem, senhor Norberto, Para aprenderem, senhor padre Agamedes.”<sup>134</sup>

Tendo apoio de todos os fazendeiros, nenhum trigo fora ceifado. Quando inquiridos pelo prejuízo, “Vão-se os anéis e ficam os dedos”<sup>135</sup>, diz o latifúndio. Nesse momento volta a metáfora do narrador que iguala homens a cães. Os cães que ladram em todo o latifúndio são aqueles inconformados com a falta de oferta do trabalho. Juntam-se todos, das aldeias vizinhas às mais afastadas, em direção a Montemor, para reclamar por serviço.

Esta é apenas uma das cenas em que a luta se faz presente durante o romance, mas fora escolhida para sintetizar o levante do movimento rural no Alentejo por ser tratada pelo narrador com um tom que, peculiarmente, oscila entre o drama e o épico, como tal o fez Euclides da Cunha, ao criar uma voz narrativa que se divide em faces, transcendendo a um estilo convencionalmente marcado. Esta cena de *Levantado do chão* é narrada em um capítulo inteiro dedicado somente a ela. Nele, apresentam-se os heróis e descreve-se todo o movimento da luta que, como numa batalha épica, veem-se os momentos mais criteriosos de um combate sob a perspectiva de um narrador do qual se percebe muito bem a posição ocupa entre um lado e outro:

Em tempo de peregrinações se dizia que todos os caminhos iam dar a Roma, era só ir andando e perguntando (...) quem tem boca vai a Roma, não é verdade, caminhos há muitos por aqui e todos vão a Montemor (...) assim se vão aproximando, vindos de todas as direções da rosa dos ventos, e é um grande vento que os traz. As atalhas do castelo vêem aproximar-se as hostes mouras, trazem a bandeira do profeta dobrada sobre o coração (...) São exageros do narrador, efeitos de educação medieval, imaginar exércitos de gente armada e flâmulas de cavalaria, quando apenas se trata de uma dispersa tropa de rústicos, e todos contados talvez não cheguem ao milheiro, e mesmo assim, para o tempo, grande será o ajuntamento final.<sup>136</sup>

À espera, com as espingardas carregadas, está a guarda. Enquanto a multidão entoia gritos, o pedido que mais forte soa é “queremos trabalho” e “então o mar levanta-se, levantam-se os braços, as mãos travam as rédeas ou trazem pedras apanhadas do chão, ou dos bolsos vieram, é o direito de quem armas não tem”<sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> SARAMAGO, 2009, p. 304.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 305.

<sup>136</sup> Ibidem, p. 310.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 313.

No seu escrito *Sobre a crítica do poder como violência*, Benjamin levanta a questão da possível legitimidade da violência e suas relações com o poder. No caso descrito em *Levantado do chão*, tanto a guarda quanto os camponeses usam de meios violentos para defender cada qual seus interesses/direitos. Porém a relação entre os meios, seja com pedradas ou rajadas de tiros, para se chegar a determinados fins ganham espaço para uma discussão bem mais ampla, que envolve também os conceitos de Direito e Justiça.

Para Benjamin, uma crítica do poder pode ser tida através da observação das suas relações com o *Direito* e a *Justiça*, uma vez que, independente de como uma causa atua, ela só é transformada em violência quando atinge as relações de ordem ética, ordem essa que é delimitada pelos conceitos de Justiça e Direito. No que confere ao conceito de Direito o autor sinaliza que “a condição elementar de toda a ordem jurídica é a dos meios e dos fins.”<sup>138</sup> Isso aponta para uma tendência a que toda a violência seja procurada no âmbito dos meios, abrindo-se espaço para o questionamento se seria ele um meio para fins justos ou injustos. Para continuar suas considerações o autor contrapõe dois conceitos de direito, o Natural e o Positivo. O primeiro determina que para se atingir um fim justo, os meios são sempre validados, dessa forma a violência é justificada para se alcançar algo legítimo. Já para o direito Positivo, apenas através de meios legítimos é que se alcança um fim justo. Pensar essas relações entre o Poder e a violência é interessante para perceber como se dá a luta presente em *Levantado do chão*, mais precisamente aquela descrita na cena que analisada nesta seção até então.

Quando os homens andam até Montemor com a intenção de reivindicar trabalho, são recebidos com extremada violência pela polícia, representante do poder do Estado e do Latifúndio. Segundo o conceito do direito Natural, para a manutenção do estado de coisas, o sistema político dominante pode utilizar quais sejam os meios para um fim legítimo, segundo os valores da sociedade: manter a ordem e o bom funcionamento do Estado. Porém, a violência utilizada pelo outro lado, dos trabalhadores em confronto, não é concedida como um direito, uma vez que

“do ponto de vista do Estado (ou do Direito), o direito à greve [por exemplo] não concede aos trabalhadores um direito à violência, mas antes o de se subtrair a ela (...) Nessa situação [a de uma greve geral revolucionária] a classe trabalhadora reclamará sempre o seu direito à greve, enquanto o Estado verá nessa reivindicação um abuso,

---

<sup>138</sup> BENJAMIN, 2012, p. 59.

uma vez que o direito à greve não deve ser entendido “assim”, e promulgará decretos especiais.<sup>139</sup>

Em outras palavras, a violência pode instaurar ou modificar as relações de direito de acordo com a vontade de quem a faça utilização, ou seja, a classe dominante é quem determina quando e quais são os meios legítimos, “por mais que os sentimentos de justiça possa sair ofendido”<sup>140</sup>. Mas segundo Saramago, agora em seu escrito para o livro *Terra*, o que a população precisa é de “Um direito que respeite, uma justiça que cumpra”<sup>141</sup>

Dentro de um regime extremamente fechado, como viveu Portugal durante os períodos mais críticos pelos quais passa o *Levantado do chão*, é praticamente impossível falar de um direito que se aplique a todas as esferas da sociedade de maneira igualitária ou uma justiça que cumpra seu papel. Em Montemor, a PIDE aguardava os trabalhadores naquele dia 23 de junho, a intenção era matar ou prender.

Os de Monte lavre ouviram assobiar as balas, e o José Medronho sangra da cara, teve sorte, foi de raspão, mas vai ficar-lhe a cicatriz para o resto da vida. Gracinda Mau-Tempo chora agarrada ao marido, vai rolando com outra gente pelas travessas em redor, oh miséria, ouve-se o alarido triunfante da guarda que anda a fazer prisões, e de repente apareceu Leandro Leandres com outros dragões da pide, uma dúzia, viu-os João Mau-Tempo e ficou pálido, pôs-se no caminho do inimigo, a tremer, mas não de medo, senhores, é preciso saber compreender essas ações (...) e quando os dragões passaram João Mau-Tempo não pôde segurar as suas lágrimas, de raiva eram, e de uma grande tristeza também, quando será que acaba este nosso martírio.<sup>142</sup>

Ainda segundo Benjamin, a polícia seria uma instituição *antinatural e fantasmática* do Estado moderno, uma vez que se trata “de um poder para fins jurídicos (com direito de execução), mas ao mesmo tempo com autorização para instituir tais fins adentro de amplos limites (através do direito de decretar medidas)”<sup>143</sup>. Dessa maneira, o poder de decisão sobre a vida e a morte concedido à polícia é uma forma não só de punição mas de fortalecimento do poder da mesma já que o direito da polícia:

designa aquele ponto onde o Estado – seja por impotência, seja devido às ligações imanentes de toda a ordem jurídica – não está já em condições de garantir, através dessa ordem jurídica, os seus fins empíricos, que pretende atingir a qualquer preço. Por isso a polícia intervém em numerosos casos “por razões de segurança”, quando a situação legal não é clara, para não falar dos casos em que, sem qualquer consideração de fins jurídicos, constitui um incômodo brutal que acompanha os

<sup>139</sup> BENJAMIN, 2012. p. 64.

<sup>140</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>141</sup> SARAMAGO em prefácio de SALGADO, 1997, p. 13.

<sup>142</sup> SARAMAGO, 2009, p. 314.

<sup>143</sup> BENJAMIN, 2012, p. 68.

cidadãos ao longo de toda uma vida regulamentada, ou pura e simplesmente o vigia.<sup>144</sup>

Por isso órgãos de “defesa” são criados logo que um regime de características autoritárias chega ao poder. Assim, a PIDE serve aos interesses do Estado salazarista e representa grande ameaça ao homem do campo, principalmente depois que ele sofre com a tomada de consciência a respeito da luta que os tira do estágio de alienação.

A multidão em Montemor fora dispersa por tiros. Um homem foi morto, vários foram os feridos, mas a luta do camponês permanece em aberto e isso é percebido pela sucessão de militantes existentes dentro da família Mau-Tempo. As gerações de homens envolvidos com os problemas do campo encontrarão uma nuvem de esperança representada pela Revolução dos Cravos, em que o levante popular conseguiu, de forma pacífica, derrubar o regime e uma conseqüente fuga dos latifundiários de suas fazendas. Mas entende-se que a luta não possui um fim, ela é feita diariamente no campo português e se renova como os homens, como o trigo.

---

<sup>144</sup> BENJAMIN, 2012, p. 69.

## CONCLUSÕES - PIOR DO QUE A DOR DO CALO É CALAR A PRÓPRIA DOR<sup>145</sup>.

A tolerância e a intolerância são pois os dois degraus de uma escada que não tem outros. Do primeiro degrau, que é o seu, a tolerância lança para baixo, para a planície onde encontra a multidão de tolerados de toda a espécie, um olhar que desejaria ser compreensivo, mas que, muitas vezes, vai buscar a equívocas formas de compaixão e de remorso a sua débil razão de ser. Do alto do segundo degrau a intolerância olha com ódio a confusão dos estrangeiros de raça ou de nação que a rodeiam, e com irônico desprezo a tolerância, pois claramente vê como ela é frágil, assustada, indecisa, tão sujeita à tentação de subir ao segundo e fatal degrau quanto incapaz de levar às consequências extremas o seu perplexo anseio de justiça, que seria renunciar a ser o que tem sido – simples permissão, aparente benevolência – para se tornar em identificação e igualdade, isto é, respeito. Ou igualância, se uma palavra nova falta, ainda que tenha tão bárbaro som...

Tolerantes somos, tolerantes iremos continuar a ser. Mas só até o dia em que tê-lo sido nos venha parecer tão contrário à humanidade como hoje nos parece a intolerância. Quando este dia chegar – se chegar alguma vez - , começaremos a ser, enfim, humanos entre humanos.

*José Saramago*<sup>146</sup>

Se alguma palavra nova é permitida neste momento, que seja esta: igualância. De bárbaro som, como bárbaro precisa ser o seu sentido, ela representaria o revés da intolerância, é símbolo da força que faz agir os homens diante daquilo que os choca perante as injustiças. Em busca dessa igualância, uma revolução é feita, partem os homens para a luta e, aqui, essa luta é a da terra.

Dentro das narrativas estudadas no presente trabalho, percebeu-se que a terra exerce o papel de um organismo extremamente complexo. Ela é, para além de cenário de *Levantado do chão* e de *Os sertões*, um elemento de caráter vital, para enredos e personagens, uma vez que impulsiona os homens para a luta.

<sup>145</sup> Verso da canção *Corre canto*, do grupo Sertanília.

<sup>146</sup> SARAMARO, José. *A estátua e a pedra*. A cura de Giacarlo Depretis. Proscritta di Luciana Stegagno Picchio. [Alessandria]: Edizione dell'Orso, 1999. (BibliotecaMediterranea).

Analisada através de uma dupla perspectiva, a terra pode ser percebida tanto como personagem quanto paisagem na ficção dos dois autores.

Quando Euclides da Cunha vai até o interior do Brasil com a intenção de realizar um estudo sobre a real identidade brasileira, se vale de três elementos fundamentais para a formação do lugar que pretendia conhecer: a terra, o homem que lá vive e as lutas pelas quais passa. Portanto, muito além de narrar a guerra de Canudos, Euclides traduz o retrato da realidade sertaneja através da análise dos efeitos dessa guerra sobre os homens e sobre a terra.

Da mesma maneira, realiza Saramago o seu projeto com *Levantado do chão*. Ao se propor contar a história do Alentejo, promove um estudo sobre toda a situação do campo e da propriedade privada.

A terra é, portanto, personagem ativo dentro das duas narrativas, mas também assume seu caráter de cenário, paisagem do mundo e dos enredos. O narrador de Saramago, ao principiar seu discurso, assume logo no início do primeiro capítulo que a terra é um elemento polivalente e, mesmo em seu papel de paisagem ela muda constantemente, de acordo com os períodos do ano e da influência humana. A terra como paisagem também é tida na obra de Euclides. Ao retratar em seu romance uma realidade pouco conhecida pela sociedade a si contemporânea, o escritor, sob a máscara de um narrador preocupado com a descrição de uma paisagem totalmente nova, se move afim de realizar um discurso cuidadoso acerca dos elementos geográficos e climáticos da terra sertaneja.

Conhecer a terra como paisagem é fundamental dentro das obras, porque sua imagem e suas características peculiares é que determinam o movimento dos homens e da luta. É aquele chão que possibilita a formação, em caráter físico e passional, das personagens. E por possuir essa característica determinante sobre a vida dos homens é que a terra ganha também a função de personagem nos dois romances. Ela possui uma força ativa dentro dos enredos, uma vez que move as pessoas, molda suas rotinas e mais tarde as impulsiona para a batalha: o ciclo da terra direciona o ciclo da vida.

A terra como personagem ganha sua voz retratada dentro das narrativas, uma vez que é através de manifestações, percepções e olhares de uma dada personagem que o autor consegue manifestar seu projeto ideológico em uma obra. Porém, mais que cenário dos romances, ao definir seu papel de paisagem, mais que personagem desses enredos, a terra também assume importante função dentro do fazer discursivo: ela confere às obras o tom poético que garante o lirismo presente em ambas as narrativas.

Através do conceito de *geopoética* percebeu-se que a necessidade tida por Euclides da Cunha de criar um narrador multiperspectivado ocorreu da complexidade do ato que se

comprometeu a narrar. A terra, múltipla em sua formação e função, ganhou, através de um narrador amplo como ela, uma contemplação que se deu no âmbito do todo.

Na escrita tradicional, em que o discurso é linear, a voz narrativa permanece a mesma durante todo o romance. Euclides da Cunha, ao contrário, investe o seu narrador de uma capacidade de refletir dos elementos que o cercam, a fim de propor um encadeamento discursivo que visa a contemplar diferentes pontos de vista acerca dos vários elementos que compõem a terra sertaneja. Dessa maneira, uma poética própria é criada, a poética da terra, múltipla como o elemento que se pretende analisar.

José Saramago também percebe que escrever sobre o Alentejo só é possível através de uma voz narrativa que não parta de um ponto fixo. O reflexo dessas impressões sobre a terra se mostra no enredo, pois, através da visão de cada personagem, o leitor recebe de variados pontos de vista a matéria da narrativa. *Os sertões* e *Levantado do Chão* estão, portanto, no que diz respeito à construção de uma poética, em um ambiente comum, em que a terra é a condutora do fazer narrativo ao invés de objeto de descrição ou mero componente de um cenário. Assim como em *Os sertões*, os sinais da terra marcam o despertar dos homens em *Levantado do Chão*. Aquele ambiente tem a força precisa para dizer o que nem sempre as palavras conseguem e as personagens, através da ajuda dessa *geopoética*, falam através da terra, que fala por eles.

Dentro dos contextos apresentados pelos romances, uma visão muito particular sobressai sobre o chão em que circulam as vidas e a História: a grande característica de terra ignota. O clima seco, a vegetação rudimentar e as precárias condições para a sobrevivência humana devido às longas secas, concedem ao sertão uma direta associação ao conceito de deserto. Foi visto, porém, que, para além de uma definição geográfico-climática, a expressão *deserto* ganha uma conceituação subjetiva para Euclides da Cunha que aqui serviu como para caracterizar também a terra de *Levantado do chão* ou qualquer outro lugar onde a sobrevivência é impossível, onde o homem não pode viver por lhe faltar o fundamental, como o acesso à informação, à justiça e à dignidade.

Dentro dessa multiplicidade de visões sobre o caráter da terra dentro das obras, um último aspecto é analisado: a terra como determinante social na vida dos homens, que os divide entre ricos e pobres dentro do contexto rural, ou seja, o nascimento do latifúndio e a força dele sobre os homens. As cercas que marcam os limites das propriedades de terra no Brasil e em Portugal atuam como fator fortemente opressivo sobre a vida dos trabalhadores rurais e são determinantes fundamentais para a enorme concentração de riquezas e desigualdades sociais existentes no campo. A criação do latifúndio é, portanto, uma forma de



homens comandarem outros homens em uma relação de poder sem um aparente motivo original justificado.

Além da terra, outro elemento comum é visto nos dois romances: o homem do campo. Para entender os conflitos existentes nas obras de Euclides e Saramago, é fundamental tomar com atenção a figura do homem que deles participa. O perfil que caracteriza as personagens dentro de cada contexto, português e brasileiro, é tão importante para os narradores quanto a observação do desenvolvimento delas até a uma tomada de consciência que os leva à luta.

O narrador euclidiano, ao apresentar o homem de Canudos, tem a função de descrever uma personagem que, tal como a terra onde vive, apresenta particularidades específicas e também contraditórias. A voz narrativa caracteriza o sertanejo através de um discurso formado por uma dialética preocupada em ressaltar a natureza ambígua desta personagem. Ao leitor é apresentado um homem que desperta, ao mesmo tempo, a admiração conquistada por um heroísmo natural e a compaixão despertada pelo penar de uma vida sem recursos. O *homem* de Euclides é um tipo paradoxal uma vez que é *forte* justamente por ser fraco e, contudo, guardar em si uma fortaleza que resiste e esbraveja a cada momento em que seu cotidiano de penúrias o solicita.

O homem descrito por Euclides nos finais do século XIX é, um século depois, visto por Saramago. Em seu escrito para o livro *Terra*, o autor analisa e constata que a situação do homem do campo brasileiro pouco se alterou. Por sua vez, ao tratar o trabalhador rural do campo português, o mesmo autor mostra que, em *Levantado do chão*, a perspectiva do homem não se altera: todos eles possuem como forte ponto em comum a ausência total de proteção. Abandonados pelas leis, são vítimas da própria miséria e assim vão vivendo e morrendo perseguidos pelos espectros da fome e da violência.

A eterna renovação de uma política que não procura investir de fato em saúde pública e em educação no meio rural contribui para a manutenção do estado de coisas. Os habitantes do campo acabam encontrando na figura dos coronéis a única imagem de “protetor”, mas que, em verdade, utiliza essa máscara de benfeitor para massacrá-los e mantê-los sempre presos por conceder, de tempos em tempos, pequenos favores.

Como uma tentativa de mudança na realidade rural, ideais marxistas chegam ao campo e fazem com que alguns sindicatos ou grupos trabalhistas se organizem em prol da reivindicação dos direitos do homem. Essa “ameaça vermelha”, no entanto, assusta até hoje os mais variados grupos que visam à manutenção do *status quo* e da centralização do poder nas mãos de poucas pessoas. A existência da resistência contra o MST é um bom exemplo de

como os avanços em direção à busca pelos direitos populares ainda é caminho muito longo dentro da realidade do campo.

Também em *Levantado do Chão* as personagens movimentam-se, enfim, percorrendo um caminho rumo à tomada de consciência. A princípio chegam a, inocentemente, pedir ao patrão que lhes dê trabalho, que lhes aumente os salários. No decorrer do tempo do romance, o movimento dos trabalhadores ganha corpo e força e essa organização do movimento trabalhista é considerada como algo altamente nocivo pelos detentores do poder. As consequentes maneiras de reprimi-los são vistas sob forma de extremada violência, como a cena descrita pelo narrador a respeito da tortura realizada pela polícia contra a personagem Germano Santos Vidigal.

Ao lado do retrato da violência exercida pelo governo autoritário, o texto de Saramago promove uma reorganização do elemento histórico. O diálogo com o tempo funciona dentro do romance como uma quebra do discurso histórico oficial, já que as noções temporais são obtidas através da percepção do homem do campo. Tem-se, portanto, a visão do oprimido. As informações sobre momentos importantes para Portugal aparecem no decorrer do discurso narrativo de forma quase abafada, sem muitas explicações ou fundamentos, uma vez que também para o alentejano não havia essas respostas. A História é, então, recontada, remetendo ao conceito de metaficção historiográfica, já que foco narrativo da obra é voltado para o trabalhador, tem-se a ficção reorganizando a História.

A associação direta desses homens com a História se faz notar também pela evolução simultânea entre a consciência das personagens e o nível de abertura política em que se encontra o país. Os membros da família Mau-Tempo, conforme o passar das gerações, vão ganhando um nível de esclarecimento que pode ser diretamente relacionado ao estágio político em que vive Portugal. As gerações dessa família assumem três passos dentro da narrativa: o tempo do silêncio, o das perguntas e o tempo das respostas.

O levante desses homens - o sertanejo de Canudos, os trabalhadores rurais no Alentejo e todos os militantes marcados para morrer no sul do Pará – enfim acontece e, justamente por isso o latifúndio volta-se contra eles. O nascimento das lutas presentes nos dois romances, bem como o desenvolvimento delas são percebidos como a realização de um projeto final dos homens, camponeses e escritores. Os autores também fazem parte da batalha em busca da justiça no campo, uma vez que se comprometem com o narrar de uma realidade de opressão.

O movimento para a luta acontece quando os homens de Saramago tomam consciência da necessidade de mudanças, partindo contra a ideologia do latifúndio. Da mesma maneira os

sertanejos de Euclides da Cunha, pretendendo um novo modo de vida, criaram uma cidade regida por leis próprias. As obras retratam o levante de duas sociedades oprimidas contra a lei natural das coisas, dessa maneira, os autores, por concederem voz aos historicamente silenciados, cumprem o seu papel de romper com discurso do poder e assumem um forte tom denunciador e de engajamento político.

Acreditando que a dor do calo, provocada pela jornada de trabalho intensa, não pode ser tão grande quanto a dor de passar uma vida inteira sendo obrigado a calar-se, o presente trabalho acreditou que a conquista da voz pelos trabalhadores do campo, através da luta e da publicação literária dos romances que as retratavam, são uma importante conquista para uma política democrática e de uma sociedade mais justa. Muitos, porém, ainda são os silenciados da(pela) História, por isso a busca por um engajamento da sociedade se faz necessária, e sempre tão atual.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Funarte; Rocco, 1998.
- ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 65-90.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. S. Paulo: Nova Cultural, 1987.
- AUERBACH, Erich. Na mansão de La Mole. In: \_\_\_\_\_. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 6. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.
- BARRETO, Lima. *Obras de Lima Barreto*. Organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956. 17 v.
- BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica estética no romantismo alemão*. Tradução, prefácio e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O anjo da história*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense: 2012.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 284-293.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos*. São Paulo: EdUSP, 1995.
- CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. *José Saramago entre a História e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: D. Quixote, 1989.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- COSTA LIMA, Luiz. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. v. 1.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. *Rio Maria: canto da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GOLDFARD, Yamila. *A luta pela terra do MST, sua gestação, principais atores e desafios*. 2007. 108p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Orientação: Marta Inez Medeiros Marques.

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HULCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KAUFMAN, Helena. A metaficção historiográfica em José Saramago. *Revista Colóquio Letras*, Lisboa, n. 120, abr. 1991, p. 124-136.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *O livro do riso e do esquecimento*. Trad. Fonseca, Teresa Bulhões Carvalho da. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LACERDA, Iraci Judice. *Personagens engajadas em sociedade de classes: uma leitura comparativa entre “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, e “Levantado do chão”, de José Saramago*. 2007. 173 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Orientação: Benjamin Abdala Junior.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A reinvenção do sertão: a estratégia organizacional de Canudos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

- MARTINS, Wilson. Livro vingador. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0502200394.htm>>. Acesso em: jan. 2014.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Disponível em: <<http://marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap01.htm>>. Acesso em: jan. 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas*. 35. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- MOVIMENTO SEM TERRA. *MST: Lutas e conquistas: cartilha do Movimento Sem Terra*. 2. ed. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/7702>>. Acesso em: jan. 2010
- MURILO DE CARVALHO, José. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NEPOMUCENO, Eric. *O Massacre - Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade*. São Paulo: Ed. Planeta, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. *A Saga José Saramago II*. Disponível em: <<http://graduacao.cederj.edu.br/ava/course/view.php?id=824&section=14>>. Acesso em: jan. 2014.
- PAMUK, Orhan. *O romancista ingênuo e o sentimental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PIETRANI, Anélia Montechiari (Org.). *Euclides da Cunha presente e plural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- REIS, Carlos. *História crítica da literatura portuguesa: do neo-realismo ao post-modernismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 1989.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: \_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ROSSO, Mauro. “Os sertões”: contemporâneo da posteridade. In: OVERMUNDO. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/os-sertoos-contemporaneo-da-posteridade>>. Acesso em: jan. 2014.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência & arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: Hucitec; Feira de Santana: UEFS, 2001.
- \_\_\_\_\_. Geologia e metáforas geológicas em Os sertões. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, jul. 1998, p. 117-131.

- SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Folhas políticas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Levantado do chão*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho, [1998?].
- \_\_\_\_\_. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Objecto quase*. Lisboa: Editorial Caminho, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A estátua e a pedra*. A cura de Giacarlo Depretis. Proscritta di Luciana Stegagno Picchio. [Alessandria]: Edizione dell'Orso, 1999. (BibliotecaMediterrânea).
- \_\_\_\_\_. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. Não uso literatura como política. *Jornal Tempo*, [S.l.], nov. 1981.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moises. São Paulo: Ática, 1989.
- SCOLESE, Eduardo. *Pioneiros do MST: caminhos e descaminhos de homens e mulheres que criaram o movimento*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- SOUZA, Ronaldo de Melo e. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- TURATTI, Cecília Manzoli. *Os filhos da lona preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST*. São Paulo: Alameda, 2005.
- VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. In: CONGRESSO ABRALIC, 3., 1995, São Paulo. *Limites*. São Paulo: Edusp; Niterói: Abralic, 1995. p. 605-610.
- VILLA, Marco Antônio. *Morte e vida no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2001.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragolle Taunay, Visconde de. *O encilhamento*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1923]. p 16-17.
- TESCHE, Camile Carolina Pereira da Silva. *História e poder: uma leitura de "Levantado do chão"*. 2007. 134p. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Letras e

Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Orientação: Monica Muniz de Souza Simas.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILTSHIRE DE OLIVEIRA, Maria Lúcia. *A Saga José Saramago II*. Disponível em: <<http://graduacao.cederj.edu.br/ava/course/view.php?id=824&section=14>>. Acesso em: jan. 2014.



**ANEXO – Prefácio de José Saramago ao livro *Terra***

*É difícil defender  
só com palavras a vida  
(ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina).*

**João Cabral de Melo Neto**

Oxalá não venha nunca à sublime cabeça de Deus a idéia de viajar um dia a estas paragens para certificar-se de que as pessoas que por aqui mal vivem, e pior vão morrendo, estão a cumprir de modo satisfatório o castigo que por ele foi aplicado, no começo do mundo, ao nosso primeiro pai e à nossa primeira mãe, os quais, pela simples e honesta curiosidade de quererem saber a razão por que tinham sido feitos, foram sentenciados, ela, a parir com esforço e dor, ele, a ganhar o pão da família com o suor do seu rosto, tendo como destino final a mesma terra donde, por um capricho divino, haviam sido tirados, pó que foi pó, e pó tornará a ser. Dos dois criminosos, digamo-lo já, quem veio a suportar a carga pior foi ela e as que depois dela vieram, pois tendo de sofrer e suar tanto para parir, conforme havia sido determinado pela sempre misericordiosa vontade de Deus, tiveram também de suar e sofrer trabalhando ao lado dos seus homens, tiveram também de esforçar-se o mesmo ou mais do que eles, que a vida, durante muitos milénios, não estava para a senhora ficar em casa, de perna estendida, qual rainha das abelhas, sem outra obrigação que a de desovar de tempos a tempos, não fosse ficar o mundo deserto e depois não ter Deus em quem mandar.

Se, porém, o dito Deus, não fazendo caso de recomendações e conselhos, persistisse no propósito de vir até aqui, sem dúvida acabaria por reconhecer como, afinal, é tão pouca coisa ser-se um Deus, quando, apesar dos famosos atributos de onisciência e onipotência, mil vezes exaltados em todas as línguas e dialectos, foram cometidos, no projecto da criação da humanidade, tantos e tão grosseiros erros de previsão, como foi aquele, a todas as luzes imperdoável, de apetrechar as pessoas com glândulas sudoríparas, para depois lhes recusar o trabalho que as faria funcionar - as glândulas e as pessoas. Ao pé disto, cabe perguntar se não

teria merecido mais prêmio que castigo a puríssima inocência que levou a nossa primeira mãe e o nosso primeiro pai a provarem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A verdade, digam o que disserem autoridades, tanto as teológicas como as outras, civis e militares, é que, propriamente falando, não o chegaram a comer, só o morderam, por isso estamos nós como estamos, sabendo tanto do mal, e do bem tão pouco.

Envergonhar-se e arrepende-se dos erros cometidos é o que se espera de qualquer pessoa bem nascida e de sólida formação moral, e Deus, tendo indiscutivelmente nascido de Si mesmo, está claro que nasceu do melhor que havia no seu tempo. Por estas razões, as de origem e as adquiridas, após ter visto e percebido o que aqui se passa, não teve mais remédio que clamar mea culpa, mea maxima culpa, e reconhecer a excessiva dimensão dos enganos em que tinha caído. É certo que, a seu crédito, e para que isto não seja só um contínuo dizer mal do Criador, subsiste o facto irresponsável de que, quando Deus se decidiu a expulsar do paraíso terreal, por desobediência, o nosso primeiro pai e a nossa primeira mãe, eles, apesar da imprudente falta, iriam ter ao seu dispor a terra toda, para nela suarem e trabalharem à vontade. Contudo, e por desgraça, um outro erro nas previsões divinas não demoraria a manifestar-se, e esse muito mais grave do que tudo quanto até aí havia acontecido.

Foi o caso que estando já a terra assaz povoada de filhos, filhos de filhos e filhos de netos da nossa primeira mãe e do nosso primeiro pai, uns quantos desses, esquecidos de que sendo a morte de todos, a vida também o deveria ser, puseram-se a traçar uns riscos no chão, a espetar umas estacas, a levantar uns muros de pedra, depois do que anunciaram que, a partir desse momento, estava proibida (palavra nova) a entrada nos terrenos que assim ficavam delimitados, sob pena de um castigo, que segundo os tempos e os costumes, poderia vir a ser de morte, ou de prisão, ou de multa, ou novamente de morte. Sem que até hoje se tivesse sabido porquê, e não falta quem afirme que disto não poderão ser atiradas as responsabilidades para as costas de Deus, aqueles nossos antigos parentes que por ali andavam, tendo presenciado a espoliação e escutado o inaudito aviso, não só não protestaram contra o abuso com que fora tornado particular o que até então havia sido de todos, como acreditaram que era essa a irrefragável ordem natural das coisas de que se tinha começado a falar por aquelas alturas. Diziam eles que se o cordeiro veio ao mundo para ser comido pelo lobo, conforme se podia concluir da simples verificação dos factos da vida pastoril, então é porque a natureza quer que haja servos e haja senhores, que estes mandem e aqueles obedeçam, e que tudo quanto assim não for será chamado subversão.

Posto diante de todos estes homens reunidos, de todas estas mulheres, de todas estas crianças (sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra, assim lhes fora mandado), cujo suor não nascia do trabalho que não tinham, mas da agonia insuportável de não o ter, Deus arrependeu-se dos males que havia feito e permitido, a um ponto tal que, num arrebatado de contrição, quis mudar o seu nome para um outro mais humano. Falando à multidão, anunciou: “A partir de hoje chamar-me-eis Justiça.” E a multidão respondeu-lhe: “Justiça, já nós a temos, e não nos atende. Disse Deus: “Sendo assim, tomarei o nome de Direito.” E a multidão tornou a responder-lhe: “Direito, já nós o temos, e não nos conhece.” E Deus: “Nesse caso, ficarei com o nome de Caridade, que é um nome bonito.” Disse a multidão: “Não necessitamos caridade, o que queremos é uma Justiça que se cumpra e um Direito que nos respeite.” Então, Deus compreendeu que nunca tivera, verdadeiramente, no mundo que julgara ser seu, o lugar de majestade que havia imaginado, que tudo fora, afinal, uma ilusão, que também ele tinha sido vítima de enganos, como aqueles de que se estavam queixando as mulheres, os homens e as crianças, e, humilhado, retirou-se para a eternidade. A penúltima imagem que ainda viu foi a de espingardas apontadas à multidão, o penúltimo som que ainda ouviu foi o dos disparos, mas na última imagem já havia corpos caídos sangrando, e o último som estava cheio de gritos e de lágrimas.

No dia 17 de Abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em acção de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou processamento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou

menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e alabardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

Pelas três horas da madrugada do dia 9 de Agosto de 1995, em Corumbiara, no estado de Rondônia, 600 famílias de camponeses sem terra, que se encontravam acampadas na Fazenda Santa Elina, foram atacadas por tropas da polícia militarizada. Durante o cerco, que durou todo o resto da noite, os camponeses resistiram com espingardas de caça. Quando amanheceu, a polícia, fardada e encapuçada, de cara pintada de preto, e com o apoio de grupos de assassinos profissionais a soldo de um latifundiário da região, invadiu o acampamento. varrendo-o a tiro, derrubando e incendiando as barracas onde os sem-terra viviam. Foram mortos 10 camponeses, entre eles uma menina de 7 anos, atingida pelas costas quando fugia. Dois polícias morreram também na luta.

A superfície do Brasil, incluindo lagos, rios e montanhas, é de 850 milhões de hectares. Mais ou menos metade desta superfície, uns 400 milhões de hectares, é geralmente considerada apropriada ao uso e ao desenvolvimento agrícolas. Ora, actualmente, apenas 60 milhões desses hectares estão a ser utilizados na cultura regular de grãos. O restante, salvo as áreas que têm vindo a ser ocupadas por explorações de pecuária extensiva (que, ao contrário do que um primeiro e apressado exame possa levar a pensar, significam, na realidade, um aproveitamento insuficiente da terra), encontra-se em estado de improdutividade, de abandono. sem fruto.

Povoando dramaticamente esta paisagem e esta realidade social e económica, vagando entre o sonho e o desespero, existem 4 800 000 famílias de rurais sem terras. A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente (quantas pessoas ao todo? 15 milhões? mais ainda?) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro haviam dito: “Esta terra é minha”, e encontraram semelhantes seus bastante ingénuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, esses rodearam a terra de leis que os protegem, de polícias que os guardam, de governos que os representam e

defendem, de pistoleiros pagos para matar. Os 19 mortos de Eldorado dos Carajás e os 10 de Corumbiara foram apenas a última gota de sangue do longo calvário que tem sido a perseguição sofrida pelos trabalhadores do campo, uma perseguição contínua, sistemática, desapiadada, que, só entre 1964 e 1995, causou 1 635 vítimas mortais, cobrindo de luto a miséria dos camponeses de todos os estados do Brasil. com mais evidência para Bahia, Maranhão. Mato Grosso, Pará e Pernambuco, que contam, só eles, mais de mil assassinados.

E a Reforma Agrária, a reforma da terra brasileira aproveitável, em laboriosa e acidentada gestação, alternando as esperanças e os desânimos, desde que a Constituição de 1946, na seqüência do movimento de redemocratização que varreu o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, acolheu o preceito do interesse social como fundamento para a desapropriação de terras? Em que ponto se encontra hoje essa maravilha humanitária que haveria de assombrar o mundo, essa obra de taumaturgos tantas vezes prometida, essa bandeira de eleições, essa negaça de votos, esse engano de desesperados? Sem ir mais longe que as quatro últimas presidências da República, será suficiente relembrar que o presidente José Sarney prometeu assentar 1.400.000 famílias de trabalhadores rurais e que, decorridos os cinco anos do seu mandato, nem sequer 140.000 tinham sido instaladas; será suficiente recordar que o presidente Fernando Collor de Mello fez a promessa de assentar 500.000 famílias, e nem uma só o foi; será suficiente lembrar que o presidente Itamar Franco garantiu que faria assentar 100.000 famílias, e só ficou por 20.000; será suficiente dizer, enfim, que o actual presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, estabeleceu que a Reforma Agrária irá contemplar 280.000 famílias em quatro anos, o que significará, se tão modesto objectivo for cumprido e o mesmo programa se repetir no futuro, que irão ser necessários, segundo uma operação aritmética elementar, setenta anos para assentar os quase 5.000.000 de famílias de trabalhadores rurais que precisam de terra e não a têm, terra que para eles é condição de vida, vida que já não poderá esperar mais. Entretanto, a polícia absolve-se a si mesma e condena aqueles a quem assassinou.

O Cristo do Corcovado desapareceu, levou-o Deus quando se retirou para a eternidade, porque não tinha servido de nada pô-lo ali. Agora, no lugar dele, fala-se em colocar quatro enormes painéis virados às quatro direcções do Brasil e do mundo, e todos, em grandes letras, dizendo o mesmo: UM DIREITO QUE RESPEITE, UMA JUSTIÇA QUE CUMPRA.

JOSÉ SARAMAGO.